UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

NAYANNY SAMPAIO MOREIRA

A LEGITIMAÇÃO DOS FATORES FILOGENÉTICOS DA FEMINILIDADE EM FREUD: UMA INVESTIGAÇÃO EPISTEMOLÓGICA

Fortaleza
2011

NAYANNY SAMPAIO MOREIRA

A LEGITIMAÇÃO DOS FATORES FILOGENÉTICOS DA FEMINILIDADE EM FREUD: UMA INVESTIGAÇÃO EPISTEMOLÓGICA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós- Graduação em Psicologia, Mestrado Acadêmico em Psicologia da Universidade Federal do Ceara – UFC, como requisito parcial para a aprovação.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo L. L. Barrocas

Fortaleza
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

M838l Moreira, Nayanny Sampaio.
A legitimação dos fatores filogenéticos da feminilidade em Freud : uma investigação epistemológica / Nayanny Sampaio Moreira. – 2011.
78 f. : il., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2011.
Área de Concentração: Epistemologia, psicanálise e práticas clínicas.
Orientação: Prof. Dr. Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas.

1.Freud,Sigmund,1856-1939 – Crítica e interpretação. 2.Feminilidade. 3.Psicanálise. 4.Teoria do conhecimento. I. Título.

CDD 150.1952

NAYANNY SAMPAIO MOREIRA

A LEGITIMAÇÃO DOS FATORES FILOGENÉTICOS DA FEMINILIDADE EM FREUD: UMA INVESTIGAÇÃO EPISTEMOLÓGICA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia, na linha de pesquisa: Psicanálise Práticas Clínicas e Epistemologia.

Aprovada em:____/____/____

Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas

(Orientador/ UFC)

Antonio Cristian Saraiva Paiva

(UFC)

Osterne Nonato Maia Filho

(UECE)

Maria das Mercês Maia Muribeca

(UNIPÊ)

Dedico este trabalho a DEUS, aos meus familiares e ao meu noivo, que me incentivaram em todos os momentos deste trajeto. Especialmente a minha *voinha* que não pode esperar por este momento...

AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão:

Especialmente, ao meu orientador Prof. Ricardo L. L. Barrocas, que com suas ajuda, dedicação, paciência e sabedoria me ensinou muito mais que a psicanálise e sua ética, fez-me compreender o valor, a importância, seriedade e o rigor de uma pesquisa em epistemologia.

Aos membros da banca de qualificação e defesa Profa. Dra. Maria das Mercês Maia Muribeca, Prof. Dr. Osterne Nonato Maia Filho e Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva, por sua disponibilidade, paciência e sugestões valiosas. Queiram desculpar-me por todo o atraso infligido.

A CAPS pelo incentivo financeiro.

A todos aqueles que direta ou indiretamente também colaboraram para a elaboração desse trabalho: os professores do Mestrado de Psicologia da UFC e os amigos de sala de aula.

Aos meus pais Moreira e Ana Lúcia pelo apoio, incentivo, investimento e amor irrestrito.

Aos meus avôs Raimundo e Nayde, minha tia Vanda e meu irmão Eluzio pela torcida e apoio.

Ao meu noivo Saulo que sempre esteve ao meu lado, compreensivo e carinhoso.

RESUMO

Fazemos aqui uma investigação sobre o modo com que Freud legitimou epistemologicamente os fatores filogenéticos de sua teoria da feminilidade. Situamos com Kurt Lewin, a perspectiva epistemológica de nossa pesquisa. Com Colette Chiland trabalhamos a noção de "femeidade", como termo que representa os fatores biológicos da feminilidade, ou seja, o que a de biológico no corpo da mulher e que todas tem que elaborar. O tema deste Projeto foi sugerido por nosso orientador o Prof. Ricardo L. L. Barrocas e faz parte de uma série de pesquisas que este vem realizando no Círculo de Pesquisas sobre Lógica e Epistemologia das Psicologias (CPLEP). Dentre as razões da escuta clínica que temos realizado, consideramos o tema pesquisado de grande valia: ele esclarece questões que nem sempre são levadas a sério sobre a feminilidade. Quando falamos sobre a sexualidade feminina compreendemos tanto a heterossexualidade quanto as variações desta função, isto é, a homossexualidade feminina por exemplo. Na primeira parte, discorremos sobre a feminilidade em Freud. Seguimos com uma apresentação da perspectiva epistemológica de nossa pesquisa inspirada no artigo O conflito entre os modos aristotélico e galiléico de pensamento na psicologia contemporânea de Kurt Lewin (1975). Na segunda parte, expomos a teoria da feminilidade em Freud. Na terceira parte, fazemos um pequeno levantamento sobre a teoria da feminilidade mediante outros psicanalistas, críticos de Freud ou não. Por fim na quarta parte analisamos os dados da pesquisa empreendida, estabelecemos algumas idéias a guisa de conclusão e mostramos as perspectivas que daí inferimos para outros trabalhos.

Palavras- chaves: Feminilidade; psicanálise; epistemologia.

ABSTRACT

Here we do an investigation into the way that Freud's phylogenetic factors epistemological legitimacy of his theory of femininity. Situate with Kurt Lewin, the epistemological perspective of our research. Colette Chiland work with the notion of "femeidade" as a term that represents the biological factors of femininity, namely that of biological woman's body and that all have to work. The theme of this project was suggested by our advisor Professor. Ricardo L. L. Baroque and is part of a series of research that has been performing in the Circle for Research on Logic and Epistemology of Psychology (CPLEP). Among the reasons for the hearing clinic we have accomplished, consider the research topic of great value: it highlights issues that are not always taken seriously on femininity. When we talk about female sexuality, both heterosexual and understand the variations of this function, ie, female homosexuality for example. In the first part, we talk about femininity in Freud. We follow with a presentation of the epistemological perspective of our research based on Article The conflict between Aristotelian and Galilean modes of thought in contemporary psychology of Kurt Lewin (1975). In the second part, we expose the theory of femininity in Freud. In the third part, we do a short survey on the theory of femininity by other psychoanalysts, Freud's critical or not. Finally the fourth section we analyze data from the survey, put together some ideas to a conclusion and show prospects that this inferred for other jobs.

Keywords: femininity; psychoanalysis, epistemology.

SUMÁRIO

Introdução.....06
I.A LEGITIMAÇÃO DOS FATORES FILOGENÉTICOS DA FAMINILIDADE EM FREUD : UMA INVESTIGAÇÃO EPISTEMOLÓGICA 08
1.Apresentação do tema.....08
2.Situação da pesquisa.....13
3.Problema e critérios da investigação.....15
4.Os critérios de uma investigação lewiniana.....16
(a) Os critérios aristotélicos.....16
(b) Os critérios galiléicos.....18
5.Como se dará a pesquisa.....19
6. Os textos de Freud considerados na pesquisa.....19
II.A FEMINILIDADE EM FREUD 21
III.A FEMINILIDADE NA TEORIA PSICANALÍTICA: COM FREUD, ALÉM DE FREUD.....37
IV.ANÁLISE DOS DADOS PESQUISADOS, CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS.....60
IV.1. A FASE TEÓRICA ENTRE 1895 ATÉ 1924.....60
IV.2. A FASE TEÓRICA DE 1925 ATÉ 1937.....66
IV.3. O MODO DE PENSAMENTO COM QUE FREUD RECONHECEU OS FATORES FILOGENÉTICOS DA FEMINILIDADE.....73
IV.4. PERSPECTIVAS DE OUTROS TRABALHOS.....74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....75

INTRODUÇÃO

O tema deste Projeto foi sugerido por nosso orientador o Prof. Ricardo L. L. Barrocas e faz parte de uma série de pesquisas que este vem realizando no Círculo de Pesquisas sobre Lógica e Epistemologia das Psicologias (CPLEP). O resultado de três destas, que foram inspiradas também no que Kurt Lewin (1975) chama de modos de pensamento científico aristotélico e galiléico, vem sendo publicado desde 2006: A relação entre uma ordem das homossexualidades masculinas e a heterossexualidade atípica da histeria de angustia, (BARROCAS, 2006); Investigação epistemológica das homossexualidades masculinas em Freud: uma perspectiva lewino-bruniana, (BARROCAS, 2007); e no prelo: Investigação epistemológica da homossexualidade feminina na obra de Freud: uma perspectiva lewino-bruniana, (BARROCAS, 2011).

Dentre as razões da escuta clínica que temos realizado, consideramos o tema pesquisado de grande valia: ele esclarece questões que nem sempre são levadas a sério sobre a feminilidade, mormente aquelas que atinam para o que a psicanalista francesa Colette Chiland (1993) chama de 'femeidade' ("*femelléité*"). Trata-se de um neologismo e conceito que remete a certos determinantes biológicos da feminilidade. Por mais que a identidade de gênero[1] seja o que prevaleça, a femeidade faz parte daquilo que toda mulher tem que elaborar culturalmente e lhe é transmitido ou simbolizado pela mãe principalmente, desde a fase pré-edipiana. Quando falamos sobre a sexualidade feminina compreendemos tanto a heterossexualidade quanto as variações desta função, isto é, a homossexualidade feminina por exemplo. Por sermos iniciantes no campo da pesquisa epistemológica e por termos recorrido constantemente ao auxílio de nosso orientador, consideramos este trabalho uma verdadeira co-autoria.

Na primeira parte, discorremos sobre a feminilidade em Freud; fazemos uma síntese do que ele disse sobre a relação entre ontogênese e filogênese e, finalmente, mostramos o que alguns psicanalistas disseram sobre tal. Segue-se uma apresentação da perspectiva epistemológica de nossa pesquisa inspirada no artigo O conflito entre os modos aristotélico e galiléico de pensamento na psicologia contemporânea de Kurt Lewin (1975). Lewin discorre aí sobre dois modos de pensamento: o aristotélico e o galiléico presentes no desenvolvimento dos conceitos da física e, em particular, na

[1] Identidade de gênero, ou seja, o sexo de designação em que a mulher foi investida pelos pais.

transição ocorrida aí, do primeiro modo para o segundo. Como tal influenciou também as psicologias e a psicanálise, perguntamo-nos sobre a forma que predominou em Freud ao legitimar, isto é validar teórica e epistemologicamente os fatores filogenéticos da feminilidade. Além do problema tratado, falamos enfim sobre os critérios da investigação, como esta foi realizada e listamos os textos de Freud que utilizamos.

Na segunda parte, expomos a teoria da feminilidade em Freud. Tal implica os dois períodos teóricos que distinguimos para os fins de nossa pesquisa: o primeiro que vai de 1895 até 1924 e o segundo que se situa entre 1925 e 1937. Na terceira parte, fazemos um pequeno levantamento sobre a teoria da feminilidade mediante outros psicanalistas, críticos de Freud ou não. Na quarta parte desta dissertação analisamos os dados da pesquisa empreendida, estabelecemos algumas idéias a guisa de conclusão e mostramos as perspectivas que daí inferimos para outros trabalhos.

I. A LEGITIMAÇÂO DOS FATORES FILOGENÉTICOS DA FEMINILIDADE EM FREUD: UMA INVESTIGAÇÃO EPISTEMOLÓGICA

1. Apresentação do tema

Fazemos aqui uma investigação sobre o modo com que Freud legitimou, ou seja, validou epistemologicamente os fatores filogenéticos de sua teoria da feminilidade. Segue-se primeiramente, uma breve exposição sobre este último tema para depois esclarecer o que propomos pesquisar. Quanto à feminilidade, isto é, aquilo que concerne ao desejo em uma mulher, nós destacamos dois períodos teóricos em Freud. Antes de explicá-los, citamos o que James Strachey[2] diz a respeito de Freud sobre este assunto. Em nota precedente ao texto Algumas conseqüências psíquicas da distinção entre os sexos, Strachey escreve que "desde muito cedo", isto é, desde o texto de 1905: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Freud "queixou-se da obscuridade que envolvia a vida sexual das mulheres". Um dos resultados desse problema foi ele "presumir que a psicologia das mulheres podia ser tomada simplesmente como análoga à dos homens". Todavia, a partir de seus estudos de 1919 sobre as "fantasias de espancamento" e do caso sobre a homossexualidade feminina publicado em 1920, "já existem claras provas de insatisfação com a 'analogia exata' entre os dois sexos: "a expectativa de existir um paralelo completo era equivocada". (STRACHEY in FREUD, 2006, [1925], p. 303-304; 306).

Mediante revisão feita na obra de Freud, situamos o primeiro período teórico aludido entre 1895 e 1924. 1895 é a data de publicação dos Estudos sobre a histeria. Freud expõe, então, alguns relatos de atendimento com pacientes histéricas e fala sobre a passividade como uma das principais características das mesmas. Um ano depois, em A hereditariedade e a etiologia das neuroses, texto escrito em 1896, ele afirmou: "uma conexão mais íntima da histeria com o sexo feminino" (FREUD, 2006, [1932], p. 235). 1924 é a data da publicação do texto A dissolução do complexo de Édipo.

Situamos o segundo período entre 1925 e 1937. Freud começou, então, a falar de uma identificação da menina mediante o modelo de sua mãe, desde a fase pré-edipiana. Esta nova perspectiva aparece em Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos Freud (2006, [1925]) e na Sessão XXXIII de suas Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Nesta última, ele disse: "a identificação de

[2] Editor inglês das obras de Freud.

uma mulher com sua mãe permite-nos distinguir duas camadas: a pré-edipiana, sobre a qual se apóia a vinculação afetuosa com a mãe e esta é tomada como modelo, e a camada subseqüente, advinda do complexo de Édipo que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai". (FREUD, 2006, [1933 (1932)], p. 165). 1937 é o ano de da publicação de Análise terminável e interminável, texto não menos importante sobre o assunto.

Consideramos duas questões a este respeito: (1) enquanto comparada completamente à psicologia masculina, a feminilidade em Freud não poderia ter sido concebida de acordo com quem pode, de fato, simbolizá-la inconscientemente para a filha: a mãe principalmente; (2) apesar de a feminilidade depender de fatores culturais que implicam as questões de gênero, o que concerne a certos determinantes biológicos deveria ser também considerado. Explicaremos este segundo aspecto, após discorrer sobre o que Freud implicou e o que Juliet Mitchell e Colette Chiland a este endereçam criticamente.

No Prefácio à terceira edição dos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Freud falou sobre os fatores filogenéticos[3] e ontogenéticos de interesse para a psicanálise. Dispondo-os em uma "ordem determinada de precedência", ele disse terem "prioridade os fatores acidentais, enquanto os constitucionais ficam para o segundo plano, dando-se mais importância à ontogênese do que à filogênese". Para Freud, o que é acidental tem o papel principal na análise e é "quase totalmente sujeito" a "influência". O que é "constitucional" só vem à tona depois de manifestados os fatores acidentais, "como algo despertado para a atividade pela experiência[4]". Por quê? "A devida consideração dos mesmos levaria muito além da esfera da psicanálise". (FREUD, 2006 [1905], p. 132).

Para Freud, "a relação entre a ontogênese e filogênese é idêntica", ou seja, trata-se de uma recapitulação da filogênese, na medida em que esta "não for modificada pela experiência mais recente". Freud acrescentou ainda algo relevante: "por trás do processo ontogenético pode-se observar a atuação da disposição filogenética[5]. Mas a disposição é, afinal de contas, o precipitado da experiência anterior da espécie". Àquela, ter-se-iam

[3] Os fatores filogenéticos serão, aqui, também chamados de biológicos ou constitucionais.

[4] Segundo o Professor Ricardo L. L. Barrocas, "este aspecto caracteriza um aspecto epistemológico do pensamento de Freud distinto daquilo que Lacan instituiu. Para Lacan havia um fosso entre a cultura e o mundo biológico, enquanto para Freud tal nunca valeu. O que sempre houve foi este aspecto de que a cultura, mesmo que tendo precedência, porque a prioridade recai sobre os fatores acidentais, a cultura não existe sem a atuação de uma disposição genética". Comentário do Professor Ricardo L.L. Barrocas no dia 29 de abril de 2011, na ocasião de nossa Qualificação.

[5] Freud também se referiu a esta disposição filogenética como 'fator orgânico'.

juntado, “como soma dos fatores acidentais, a experiência mais recente do indivíduo”. (FREUD, 2006 [1905], p. 132). Todavia, Freud acrescentou:

> Devo acentuar, entretanto, que este trabalho se caracteriza não só por se basear inteiramente na pesquisa psicanalítica, como também por ser deliberadamente independente das descobertas da biologia. Evitei cuidadosamente introduzir quaisquer preconceitos, quer derivados da biologia sexual geral, quer de determinadas espécies de animais, neste estudo que se preocupa com as funções sexuais dos seres humanos e que se tornou possível por meio da técnica da psicanálise. De fato, meu objetivo tem sido mais o de o de descobrir em que medida a investigação psicológica (poderia) esclarecer a biologia da vida sexual do homem. Tinha todo o direito de indicar pontos de contato e acordo que se manifestaram durante minha investigação, mas não havia necessidade de me desviar do meu caminho se o método psicanalítico conduzia, sob vários e importantes aspectos, a opiniões e descobertas que divergiam grandemente daquelas que se baseiam em considerações biológicas. (FREUD, 2006 [1905], p. 131).

De fato, o trabalho da psicanálise é independente daquele que faz um biólogo. Todavia, se a investigação psicológica pode esclarecer certos aspectos da vida sexual biológica, o que dizer das fantasias originárias? Segundo Laplanche e Pontalis “o termo *Urphantasien*[6] aparece em 1915” para designar, certas formações como, “a observação do coito parental, a sedução e a castração”. Tal careceria, segundo Freud “de uma explicação filogenética”. Na cena originária (do coito parental), tratar-se-ia “da origem do sujeito que se vê figuradamente”, a fantasia de sedução implicaria “o surgimento da sexualidade e a “fantasia de castração” a origem da diferença dos sexos”. (1978, p. 156-159). Conforme o raciocínio de Freud explicitado acima, estas fantasias não poderiam ser despertadas senão por certos fatores acidentais. Voltemos ao tema da dissertação.

Ora, se a ontogênese é uma recapitulação da filogênese e, uma vez que a mãe é o primeiro modelo sexual de identificação da menina, o precipitado da experiência anterior da espécie, ou seja, os determinantes biológicos ou filogenéticos deveriam ser enfatizados. Supomos que somente mediante estes últimos, poderíamos esclarecer o que pertence ao campo singular da feminilidade expressa pelas mulheres. Sugerimos, então, aprofundar os aludidos determinantes na obra de Freud. Vejamos o que, a este respeito, podem esclarecer seja o pensamento de Juliet Mitchell e Colette Chiland.

Conforme Mitchell (1988, p. 10), “Freud produziu uma interpretação biológica errônea” ao referir-se à “’inveja do pênis’”. Seria preciso distinguir tal do que na realidade não constituiria senão uma ‘inveja do poder fálico’, isto é do poder que é

[6] Proto-fantasias ou fantasias originárias.

atribuído culturalmente aos homens. Para a psicanalista, "a menina aprende que ela não tem poderes fálicos e assim não possuirá, (...), nem agora nem nunca, sua mãe ou uma futura substituta (uma esposa)".

Uma crítica mais radical foi feita por Colette Chiland (1993, p. 244): Freud teve idéias "pouco revolucionárias, bem reacionárias sobre as mulheres". Apesar de conceber a bissexualidade do ser humano, ele não reconheceu o clitóris como um órgão sexual feminino, mas enquanto "um vestígio do órgão sexual macho. A masturbação clitoridiana seria (...) masculina. A menininha ignoraria ter uma vagina. Daí (...) a necessidade de uma mudança de zona do clitóris para a vagina".

De acordo com Chiland (1993, p. 245-246), a menina não é um ser castrado, mas diferente do menino. Ela tem órgãos internos e invisíveis que irão lhe permitir ter filhos. O "clitóris é um órgão sexual feminino". A bissexualidade é muito mais psíquica e identificatória do que anatomofisiológica. Freud não enxergou "*a importância da inveja que o homem tem da femeidade*", nem teve êxito ao definir a feminilidade apenas do ponto de vista masculino. Todavia, embora conservador quanto à mulher, ele foi revolucionário ao reintegrar na sexualidade humana, as sexualidades: infantil e perversa excluídas por uma visão moralizadora e normativa.

Para Chiland (1993, p. 242), quanto às mulheres, há a considerar a "femeidade (*femelléité*[7])", ou seja, o que concerne principalmente à realidade biológica. Os aspectos "cromossômico, gonádico e genital externo" do sexo não são, contudo, o que determina "a identidade sexuada", mas "o sexo de designação mediante o qual a criança "foi educada e investida por seus pais". Tal se refere ao que outros autores chamam de gênero. A femeidade implica certas determinações:

> - Durante o ato sexual, o homem penetra a mulher, a vagina recebe o pênis; a *penetração* opõe-se à *receptividade* e, (na fantasia), a intrusão opõe-se à captação;
> - A mulher, fêmea mamífera, *carrega os filhos* e *carrega mamas* suscetíveis de proporcionar leite; os homens (*viri*) não o podem fazer;
> - A vida sexual da fêmea humana é marcada por uma descontinuidade visível das etapas que não tem seu equivalente no macho humano, e que se situa *sob o signo do sangue*:
> . A primeira menstruação e o ritmo das seguintes,
> . A defloração
> . As maternidades (gravidez, aleitamento, resguardo dos partos),
> . A menopausa, que caracteriza a fêmea humana entre os mamíferos. (CHILAND, 1993, p. 241-242).

[7] Trata-se de um neologismo nas duas línguas.

Ora, se o que predomina é o gênero, ou seja, o sexo de designação em que a menina foi investida pelos pais, levando a sério o que Chiland chama de femeidade, os determinantes biológicos ou filogenéticos podem ser considerados mediante o que há de psicológico aí. Tal faz parte daquilo que toda mulher tem que elaborar culturalmente e lhe é transmitido, ou seja, simbolizado desde a fase pré-edipiana. Apesar da vinculação afetuosa entre mãe e filha, o fato de a primeira ser tomada como modelo é o que fomenta no complexo de Édipo, a procura para eliminá-la e tomar-lhe o lugar junto ao pai. O que queremos dizer é que, desde a fase pré-edipiana, a mãe simboliza para a filha o que concerne aos determinantes biológicos de sua sexualidade, a saber: a diferença sexual, a receptividade que caracteriza o desejo heterossexual feminino na fantasia, o fato de carregar mamas, a maternidade, a menstruação, a menopausa, etc. Estes determinantes orientam aqueles dos fatores culturais do gênero que serão interiorizados.

Concordamos com Freud que o que é constitucional ou biológico só vem à tona depois de manifestados os fatores acidentais, como algo despertado para a atividade pela experiência. Todavia, supomos que, uma vez que a simbolização da feminilidade da mãe para a filha compreende estes dois aspectos concomitantemente, ganham relevo os determinantes biológicos. Tal teria a ver com a elaboração de um estilo sexual distinto daquele dos homens. Desta forma, a menina quer se desenvolva para a heterossexualidade, quer para a homossexualidade, confrontar-se-ia com a oposição penetração-receptividade, o fato de carregar mamas, a maternidade: gravidez, aleitamento, resguardo dos partos e o que decorreria da descontinuidade as etapas da menstruação, a defloração e a menopausa. O que há em Freud a este respeito?

Apesar de suas inquietações quanto a uma ‘analogia exata’ entre os dois sexos e da consideração da identificação da menina com sua mãe desde a fase pré-edipiana, Freud atrelou a feminilidade a uma inferioridade genital. De fato como para ele, a heterossexualidade feminina decorria do que, numa mulher, negava a identificação com o genitor do sexo oposto, a repressão faria ceder “a inveja do pênis – um esforço positivo para possuir um órgão genital masculino”. Após a fase fálica, isso se converteria no “desejo de ter um bebê e de um marido que possui um pênis”. (FREUD, 2006 [1937], p. 286). O desejo numa mulher seria assim definido pela finalidade da procriação que excluiria a legitimidade das variações funcionais deste destino. De fato, por idealizar esta concepção de feminilidade, Freud também chegou a falar sobre a homossexualidade como anormalidade. Vigia, em sua forma de pensar, somente o que

era proibido pela sociedade da época? Consideramos que esta breve exposição do assunto justifique o propósito de nossa investigação.

2. Situação da pesquisa[8]

Situamos com Kurt Lewin, a perspectiva epistemológica de nossa pesquisa. No artigo O conflito entre os modos aristotélico e galiléico de pensamento na psicologia contemporânea, (algumas psicologias das décadas de 30 e 40 do século passado), Lewin (1975, p.13) falou sobre "o desenvolvimento dos conceitos da física, e em particular, (sobre) a transição do modo aristotélico para o modo galiléico de pensamento". Tratava-se, no primeiro, da forma de pensar dos físicos medievais e no segundo, do que concernira a Galileu e os físicos pós-galiléicos. Não tendo um propósito histórico, Lewin acreditava que certas questões deste assunto poderiam ter uma "considerável importância na reconstrução dos conceitos da psicologia" da época aludida. Ele via, em grande parte desta, a predominância de traços aristotélicos. Todavia, Freud desempenhara aí, um papel relevante. Voltaremos a este tema mais adiante.

Conforme Lewin, "o contraste entre as concepções, aristotélica e galiléica de legitimidade e a diferença entre seus métodos podem ser sucintamente" explicados conforme o modelo que se segue. No modo aristotélico considerava-se "legítimo" somente o fenômeno "regular" e "freqüente". Tudo o que fosse singular, i.e, "individual" seria concebido como "fortuito". Desta forma, o que seria "comum aos casos historicamente ocorrentes" seria "uma expressão da (própria) natureza da coisa". No modo de pensar galiléico, pelo contrário, "os critérios de legitimidade (...) não são requeridos". São considerados legítimos o que é regular e o que é freqüente, tanto quanto "o caso individual". Assim sendo, o que seria comum a todos os fenômenos não decorreria senão de "um acidente só historicamente condicionado". (LEWIN, 1975, p. 35, nota 17).

Lewin mostrou muito bem que "o conceito de Lei", no pensamento aristotélico, depende "da soma total daquelas características que um grupo de objetos tem em comum". Tal é o que determina, em grande parte, a concepção de "legitimidade e de acaso". Repetimos, são "legítimas e conceptualmente inteligíveis, as coisas que ocorrem

[8] Agradecemos a nosso orientador Prof. Ricardo L. L. Barrocas que a este respeito, nos esclareceu sobre a perspectiva lewiniana a considerar, os critérios e as categorias da pesquisa propriamente dita de que falaremos nos próximos itens.

sem exceção" e aquelas que se dão freqüentemente. Estão excluídos do que é conceptualmente inteligível "os fenômenos que "ocorrem apenas uma vez: os eventos individuais e singulares como tais". Como era preciso ter critérios para decidir se um dado fenômeno era ou não da "variedade legítima", escapavam da concepção de Lei, o que, de certa forma, já não fosse concebido antecipadamente (LEWIN, 1975, p. 16-17). Os conceitos aí, já que eram extremamente valorativos, implicaram uma dicotomia ou dualismo. Aliás, segundo Barrocas (2007, p. 99) o que ocorria então, era um pensamento "maniqueísta" que induzia "a opor-se o que não se sabia relativizar, nem referir a uma mesma origem". Este maniqueísmo concerne ao que se passa a conceber como legítimo e aquilo a que se atribui artificialmente uma ilegitimidade. Na física pós-galiléica, pelo contrário, "com a eliminação da distinção entre eventos legítimos e eventos fortuitos, também desapareceu a necessidade de provar que o processo sob consideração era legítimo".

Quanto à situação das psicologias na década de 30 e 40 do século passado, Lewin (1975, p. 31-32) percebia um desenvolvimento "em passos curtos" que implicava, às vezes em erro. Este se dava quando se tentava, mais exatamente, seguir "o exemplo da física". Todavia, de um modo geral, tal lhe pareceu ter "obrigado, de uma forma clara e irresistível, a modificações" que talvez significassem "uma transição da formação aristotélica para a galiléica de conceitos". Esta transição concerniu à observação e concepção dos fenômenos destituídos de conceitos valorativos prévios e de dicotomias lógicas quais as aristotélicas. O que pôde ser compreendido como Lei, a partir daí, passou a depender do que se chamou de "Unificação" dos campos dos fenômenos.

Para Lewin, tal resultou também em uma "*homogeneização*" quanto ao campo dos fenômenos. Tratou-se de legado do final da Renascença e do início da Idade Média. De fato,

> As perspectivas de um Bruno, um Kepler ou um Galileu foram determinadas pela idéia de uma unidade abrangente do mundo físico. A mesma lei rege os cursos das estrelas, a queda das pedras e o vôo dos pássaros. Essa homogeneização do mundo físico, com respeito à validade da lei, priva a divisão de objetos físicos em classes rígidas, abstratamente definidas daquele significado crítico que tal divisão tinha para a física aristotélica, quando a pertença a um acerta classe conceptual era considerada determinante da natureza física de um objeto.
>
> Estreitamente relacionada com isto está a perda da importância das dicotomias lógicas e conceptuais. Os seus lugares foram tomados por

> transições cada vez mais fluidas, por gradações que privam as dicotomias do seu caráter antitético e representam, em forma lógica, uma fase de transição entre o conceito de classe e o conceito de série (LEWIN, 1975, p. 21)

Conforme Lewin ainda, a mudança aludida ocorreu na "psicologia sensorial, e especialmente na óptica acústica, psicológicas", "no domínio do olfato" e também na psicanálise.

> A doutrina de Freud – e foi esse um dos seus maiores serviços – contribuiu imenso para a abolição das fronteiras entre o normal e o patológico, o ordinário e o incomum, e promoveu ainda mais, por conseguinte, a homogeneização de todos os campos da psicologia. Esse processo ainda está, por certo, muito longe de completo, mas é inteiramente comparável ao que foi introduzido na física moderna e pelo qual os processos celestes e terrenos foram unidos (LEWIN, 1975, p. 32).

Apesar de Freud ter implicado o modo de pensar galiléico, Lewin mostra como tal não se deu completamente. Isso quer dizer que havia em Freud características também do modo de pensar aristotélico?

3. Problema e critérios da investigação.

Como já comentado, perguntamo-nos sobre a situação epistemológica mediante a qual Freud legitimou, ou seja, validou os fatores filogenéticos de sua teoria da feminilidade. Esses fatores implicam tanto os determinantes biológicos que expusemos com Colette Chiland quanto o que Freud atribui eventualmente ao tema. Para nos responder, investigaremos, nas duas fases teóricas citadas[9], (1) o que há do modo de pensamento aristotélico e galiléico, e (2) qual dos dois predominaria. Supomos que a consideração da fase pré-edipiana na qual a mãe é tomada como modelo[10] fomentaria a percepção dos dados psicológicos mediante os quais Freud poderia superar o problema encontrado na primeira fase teórica: a presunção de que a psicologia das mulheres podia ser tomada simplesmente como análoga à dos homens. A legitimação da feminilidade que decorreria desta superação poderia esclarecer o que provindo da filogênese, teria sido desperto pela experiência de gênero (identidade sexuada) e transmitido simbolicamente de mãe para filha, em cada geração. Detalharemos, agora, as duas

[9] Repetimos: os dois períodos teóricos vão respectivamente de 1895 até 1924 e de 1925 até 1937.

[10] Repetimos: esta nova perspectiva aparece em *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* e na Sessão XXXIII de suas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*.

ordens de critérios: a aristotélica e a galiléica para depois mostrar como se dará a pesquisa.

4. Os critérios de uma investigação lewiniana.

(a) Os critérios aristotélicos.

A legitimação no modo aristotélico de pensamento requer cinco critérios que comentaremos a seguir.

(1). A regularidade, na acepção da freqüência. Ilustramos tal com Lewin.

> Se por exemplo, for apresentado um filme de um incidente concreto no comportamento de uma criança, a primeira pergunta do psicólogo é a seguinte: "Todas as crianças fazem isso ou, pelo menos, é um comportamento comum?" E se a pergunta for respondida com uma negativa, o comportamento em questão perde todo ou quase todo o direito a considerar-se de interesse científico. Prestar atenção a tal "caso excepcional" parece ser aos olhos do psicólogo, uma frivolidade cientificamente descabida. (...) Qualquer psicologia que não reconheça a legitimidade como inerente à natureza dos processos psíquicos, mesmo daqueles que só ocorrem uma vez, deve possuir critérios para decidir, como no caso da física aristotélica, se está lidando ou não, num determinado caso, com fenômenos válidos ou legítimos. (LEWIN, 1975, p. 24-25).

A legitimidade assim considerada depende de mais quatro ordens de consideração: (2) classe e essência, (3) a estatística, (4) limites do conhecimento e exceções e (5) os conceitos histórico-geográficos. Vejamos o que implica cada uma destas ordens.

(2). Classe e essência. Trata-se do "hábito aristotélico de considerar as classes" de fenômenos que foram "abstratamente" definidos "como a natureza essencial do objeto particular". Por exemplo, o fato de as

> Crianças de três anos serem freqüentemente negativas é considerado uma prova de que o negativismo é inerente à natureza das crianças de três anos; e o conceito de uma idade ou fase negativista é então considerado uma explicação (embora incompleta talvez) para o aparecimento do negativismo num dado caso particular. (LEWIN, 1975, p. 26).

(3). A estatística. Trata-se de "expor as características comuns de um dado grupo de fatos", calculando-se "a média" deste (LEWIN, 1975, p. 26).

(4). Limites do conhecimento e exceções. Uma vez que a "legitimidade está relacionada com a regularidade" mediante a freqüência estatística, ela é "considerada a antítese do caso individual".

> (...) O fato da legitimidade e da individualidade serem consideradas antíteses (causa um) efeito sobre a pesquisa real. (...) Significa uma limitação da pesquisa. Faz parecer irremediavelmente inútil tentar compreender o curso real e único, (por exemplo) de uma emoção ou a estrutura real da personalidade de um indivíduo particular. Assim, fica-se reduzido a tratar esses problemas em termos de simples médias, conforme exemplificado pelos testes e questionários. (Perdem-se assim, certas) "propriedades qualitativas (porque estas são) consideradas o oposto direto da legitimidade". (LEWIN, 1975, p. 27-28).

(5). Conceitos histórico-geográficos. A idéia aristotélica de legitimidade depende da freqüência com que seus dados ocorrem, ou seja, procede da média estatística, de referência a uma situação "histórico-geográfica" particular. Trata-se de "ligação com (um conceito de) classes abstratas" e de negligência "da realidade total, no que respeita ao caso concreto". Eis um exemplo.

> (...) A maneira como se chegou à natureza da criança de um, dois ou três anos de idade, através do cálculo de médias estatísticas, corresponde exatamente à compilação de Bacon dos casos dados de sequidão em suas *tabulae praesentiae*. Existe, sem dúvida, uma concessão muito rudimentar, em tais médias, aos requisitos dos conceitos não-históricos: os casos patentemente patológicos e, por vezes, até casos relacionados com um ambiente incomum, são usualmente excluídos. (LEWIN, 1975, p. 29-31).

(b) Os critérios galiléicos.

Ao considerar a legitimidade segundo a perspectiva galiléica da formação dos conceitos, encontramos outra situação epistemológica. Eis o modo como Lewin (1975, p. 31-35) a caracterizou: (1) Não há aqui "nenhum conceito de valor; nenhuma dicotomia; mas, uma unificação dos campos" dos fenômenos observados.; (2) Consideram-se "a validade geral e incondicional das leis psicológicas"; (3) Quanto ao método, as "ambições (são) crescentes"; (4) Muda-se da "média (para) o caso puro".

(1). Nenhum conceito de valor, nenhuma dicotomia; unificação dos campos. É requerida uma superação das classificações avaliatórias dos fenômenos, quer dizer,

> O agrupamento de eventos em pares de opostos e dicotomias lógicas similares está sendo substituído por agrupamentos que, com a ajuda de conceitos em série, permitem a variação contínua; isto, em parte, é simplesmente devido à experiência mais ampla e ao reconhecimento de que as fases de transição estão sempre presentes. (...) (Tal fomenta também) a homogeneização de todos os campos da psicologia. (LEWIN, 1975, p. 31-32).

(2). Validade geral e incondicional das leis psicológicas. Isso se dá como efeito da crescente homogeneidade e da "transição dos conceitos de classe para os de série". As "leis psicológicas" já não estão "limitadas a campos particulares"; "toda e qualquer lei psicológica deve valer, sem exceções". (LEWIN, 1975, p. 32-33).

(3). Ambições crescentes. Isso torna possível a consideração daqueles fenômenos que não se repetem freqüentemente. "A tese da validade sem exceções das leis psicológicas se reveste de um significado profundo. Leva a um extraordinário aumento das exigências feitas à prova. Já não mais é possível aceitar levianamente as exceções". (LEWIN, 1975, p. 34).

(4). Da média ao caso puro. Para Lewin (1975, p. 34-35) "uma apreciação clara dessa circunstância ainda não é coisa habitual em psicologia".

> Como a física chega a esse procedimento, que fere as concepções aristotélicas da psicologia contemporânea como duplamente paradoxal, começa a tornar-se inteligível quando se consideram as necessárias conseqüências metodológicas da mudança para as idéias sobre a extensão da legitimidade. (...) Desaparece a necessidade de demonstrar a legitimidade de um evento por meio de algum critério especial, como a freqüência de ocorrência. Parte-se de um princípio (...) de que até um caso particular é legítimo. A raridade histórica não é refutação e a regularidade histórica não é prova de legitimidade, visto que o conceito de legitimidade foi desligado de regularidade; o conceito de completa ausência de exceções à lei está rigorosamente separado do de constância histórica (o "sempre" de Aristóteles). (LEWIN, 1975, p. 365).

5. Como se dará a pesquisa.

A. Investigaremos as seguintes questões nos textos citados abaixo, das duas fases teóricas sobre a feminilidade em Freud.

1. Quais sãos os fatores filogenéticos que Freud citou em suas duas fases teóricas?

2. Com qual modo de pensamento ele os legitimou, em cada uma delas: o modo aristotélico ou galiléico? Qual deles predominou em uma e na outra? Os modos de legitimação dependem das categorias que citamos acima. Consideramos que os critérios que predominarem decidirão sobre o modo de pensamento utilizado por Freud.

B. Quanto àquele aristotélico, repetimos, procuraremos o que Freud empregou como:

1. Critério de regularidade, ou seja, freqüência do fenômeno.
2. Ele confunde alguma classe deste fenômeno, alguma essência? Tal tem a ver com algum aspecto da filogênese?
3. Que dados estatísticos foram considerados?
4. Em relação àquilo que Freud considerou legítimo, quais antíteses ele estabeleceu para os casos singulares, ou seja, aqueles individuais que fogem à norma estatística?
5. O que Freud atrelou à situação histórico-geográfica e o que ele negligenciou da realidade total dos fenômenos?

6. Os textos de Freud considerados na pesquisa.

Quanto ao primeiro período teórico: de 1895 até 1924:

- Estudos sobre a histeria (1985).
- A etiologia da histeria (1986).
- A hereditariedade e a etiologia das neuroses (1986).
- Fragmento da análise de um caso de histeria (1905).
- Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905).
- O esclarecimento sexual das crianças (1907).
- Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade (1908).
- Sobre as teorias sexuais das crianças (1908).
- Análise de uma fobia de um menino de cinco anos (1909).
- O tabu da virgindade (Contribuições para a psicologia do amor III) (1918/[1917]).
- Totem e tabu (1913 [1912-13]).

- Sobre o narcisismo: uma introdução (1915).
- 'Uma criança é espancada'. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919).
- A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher (1920).
- O ego e o id (1923).
- A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923).
- O problema econômico do masoquismo (1924).
- A dissolução do complexo de Édipo (1924).

Quanto ao segundo período teórico: de 1925 até 1937:

- Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925).
- A questão da análise leiga (1926).
- Fetichismo (1927).
- Sexualidade feminina (1931).
- Feminilidade (1933 [1932]).
- Análise terminável e interminável (1937).

II. A FEMINILIDADE EM FREUD

O objetivo deste capítulo é abordar a feminilidade segundo a concepção de Freud. Pretendemos apresentar, de modo sucinto, o pensamento de Freud nos textos publicados no período de 1895 a 1937. A mulher sempre esteve entre os principais objetos de estudo de Freud. A sexualidade feminina, seu desenvolvimento, suas manifestações, o modo como foi estruturada e sua ação no psiquismo, são elementos recorrentes na obra freudiana. Algumas características que definem a feminilidade foram mencionadas originalmente nos textos fundadores da psicanálise. Todavia, as idéias sobre o tema foram evoluindo de acordo com o avanço da teoria e com o aperfeiçoamento das técnicas terapêuticas. A experiência clínica foi paulatinamente revelando os enigmas, desejos e características da feminilidade. Ao percorrer algumas das obras de Freud é possível entender e apreciar esta evolução.

A hipótese presente em Estudos sobre a histeria, texto de 1895 é que esta última resulta de traumas psíquicos que desempenham um papel fundamental. Tal idéia inaugura não apenas a psicanálise, mas um modo de pensar o fenômeno sexual. Freud é então adepto da etiologia química das neuroses 'atuais' e acredita que existe uma base física para todos os fenômenos mentais. Todavia, apesar de não afirmá-lo claramente, para ele a histeria tem origem sexual.

De acordo com Freud (1895, p.14), "a pulsão sexual é sem dúvida a fonte mais poderosa dos aumentos persistentes de excitação (e, conseqüentemente, das neuroses)". Assim, ele declara que "a grande maioria das neuroses graves nas mulheres tem sua origem no leito conjugal". O trecho a seguir demonstra o pensamento de Freud sobre a etiologia e os mecanismos das neuroses em geral:

> Tive sorte o bastante para chegar a alguns resultados úteis num prazo relativamente curto. Em primeiro lugar, fui obrigado a reconhecer que, na medida em que se possa falar em causas determinantes que levam à aquisição de neuroses, sua etiologia deve ser buscada em fatores sexuais. Seguiu-se a descoberta de que diferentes fatores sexuais, no sentido mais geral, produzem diferentes quadros de distúrbios neuróticos. Tornou-se então possível, na medida em que essa relação era confirmada, correr o risco de utilizar a etiologia com o objetivo de caracterizar as neuroses e de fazer uma distinção nítida entre os quadros clínicos das várias neuroses. Quando as características etiológicas coincidiam sistematicamente com as clínicas, isso era naturalmente justificável. (FREUD, 1895, p. 187).

Em A etiologia da histeria (1896), Freud argumenta

> (...) que as experiências sexuais infantis constituem a precondição fundamental da histeria, que são, por assim dizer, a predisposição para esta, e que são elas que criam os sintomas histéricos - mas não o fazem de imediato, permanecendo inicialmente sem efeito e só exercendo uma ação patogênica depois, ao serem despertadas, após a puberdade, sob a forma de lembranças inconscientes. (FREUD, 1896, p. 15).

Nesta obra, Freud não concebe diretamente que os sintomas neuróticos estão relacionados ao sexo do paciente. A histeria seria o resultado de experiências sexuais infantis que causavam desconforto no paciente e, mediante ao um fato desencadeador, provocavam extrema angústia no indivíduo devido às lembranças inconscientes das experiências sexuais.

Em A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses (1896), Freud anuncia sua teoria da sedução, discorrendo claramente sobre os abusos sexuais infantis, seu caráter traumático e sua condição de fator etiológico das psiconeuroses. Ele afirma que a etiologia específica da histeria são as experiências sexuais passivas vivenciadas na infância. Essa noção se perpetua por toda a teoria, servindo de base e fundamentos para enumeras formulações posteriores.

> A importância do elemento ativo na vida sexual como causa das obsessões, e da passividade sexual na patogênese das histerias, parece até mesmo desvendar a razão da conexão mais intima da histeria com o sexo feminino e da preferência dos homens pela neurose obsessiva. (Freud 1896/2006, p.198).

Na mesma época, Freud aponta como sedutores e abusadores mais freqüentes, o pai, as babás, os adultos em geral e as crianças mais velhas, todavia, a imagem da mãe permanece intacta. Esta jamais é relacionada com as cenas de sedução e violência sexual, permanecendo pura e intocável em meio a toda uma família de perversos. Já nas produções teóricas deste período, Freud faz coincidir a feminilidade com a passividade e a masculinidade com a atividade. Ele sustentará sua crença na existência destes pares opostos durante todas as suas explanações posteriores.

Em 1905, na obra Fragmento da análise de um caso de histeria, Freud dá continuidade à fundamentação de que a histeria está diretamente relacionada às experiências sexuais da infância, trazidas ao presente por lembranças inconscientes. Em os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, texto de 1905, ele expõe algumas das noções mais elementares acerca da feminilidade. Trata-se de formulações de

consistência que Freud desenvolveu e manteve até os últimos textos sobre o assunto. A feminilidade associada à passividade, como havia sido postulada anteriormente, é reafirmada e melhor explicada.

De acordo com Freud, na fase sádico-anal, a divisão em opostos que perpassa a vida sexual já se constituiu, mas eles ainda não podem ser chamados de masculino e feminino, e sim ativo e passivo. Nesta fase, portanto, apesar da polaridade sexual incipiente, falta à organização e à subordinação a função reprodutora, que só seria atingida na vida adulta.

> Sabe-se que somente com a puberdade se estabelece a separação nítida entre os caracteres masculinos e femininos, num contraste que tem, a partir daí, uma influência mais decisiva do que qualquer outro sobre a configuração da vida humana. É certo que já na infância se reconhecem bem as disposições masculinas e femininas; o desenvolvimento das inibições da sexualidade (vergonha, nojo, compaixão etc.) ocorre nas garotinhas mais cedo e com menor resistência do que nos meninos; nelas, em geral, a tendência ao recalcamento sexual parece maior, e quando se tornam visíveis as pulsões parciais da sexualidade, elas preferem a forma passiva. Mas a atividade auto-erótica das zonas erógenas é idêntica em ambos os sexos, e essa conformidade suprime na infância a possibilidade de uma diferenciação sexual como a que se estabelece depois da puberdade. Com respeito às manifestações auto-eróticas e masturbatórias da sexualidade, poder-se-ia formular a tese de que a sexualidade das meninas tem um caráter inteiramente masculino. A rigor, se soubéssemos dar aos conceitos de "masculino" e " feminino" um conteúdo mais preciso, seria possível defender a alegação de que a libido é, regular e normativamente, de natureza masculina, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher. (FREUD, 1905, p. 54-55).

Com respeito às manifestações auto-eróticas, Freud diz que a sexualidade das meninas tem um caráter inteiramente masculino, pois nelas, a zona erógena dominante é o clitóris, que seria homólogo quanto à genitalidade masculina, à glande. É com base nessas constatações que Freud define a libido como sendo de natureza masculina, quer ocorra no homem ou na mulher.

> (...) nas meninas, a zona erógena dominante situa-se no clitóris e é, portanto, homóloga à zona genital masculina, a glande. Tudo o que pude averiguar pela experiência sobre a masturbação nas meninas relacionou-se com o clitóris, e não com as partes da genitália externa que são posteriormente significativas para as funções sexuais. Chego mesmo a duvidar de que a menina, sob a influência da sedução, possa ser levada a outra coisa que não a masturbação clitoridiana; a ocorrência disso é totalmente excepcional. As descargas espontâneas de excitação sexual, tão corriqueiras justamente na menina pequena, expressam-se em contrações do clitóris, e as frequentes ereções deste

> órgão facultam à menina formular um juízo acertado, mesmo sem nenhuma instrução, sobre as manifestações sexuais do sexo oposto: ela meramente transfere para os meninos as sensações de seus próprios processos sexuais. (FREUD, 1905, p. 55).

O monismo sexual, ou seja, a hipótese de **um só e mesmo aparelho genital**[11] é a primeira das teorias sexuais freudianas. Para a feminilidade, esta concepção implica uma particularidade ou determinismo: o único órgão sexual reconhecido pela criança dos dois sexos é o masculino. Para Freud (1905), a chegada da puberdade no menino apresenta um grande avanço da libido. Quando tal ocorre na mulher, uma onda de recalcamento afeta a sexualidade do clitóris. O que "sucumbe ao recalcamento é uma parcela de sexualidade masculina" (p. 55). Percebe-se que para Freud, o clitóris é um órgão com características masculinas e é somente por meio dele que os órgãos exclusivamente femininos poderiam ser excitados: "quando enfim o ato sexual é permitido, o próprio clitóris é excitado e compete a ele o papel de retransmitir essa excitação para as partes femininas vizinhas (...)" (p.55). Freud prossegue:

> Quando a mulher transfere a excitabilidade erógena do clitóris para a vagina, ela muda a zona dominante para sua atividade sexual posterior, ao passo que o homem conserva a dele desde a infância. Nessa mudança da zona erógena dominante, assim como na onda de recalcamento da puberdade, que elimina, por assim dizer, a masculinidade infantil, residem os principais determinantes da propensão das mulheres para a neurose, especialmente a histeria. Esses determinantes, portanto, estão intimamente relacionados com a natureza da feminilidade. (FREUD, 1905, p. 56).

Freud concebe que os fatores determinantes da neurose, sobretudo aqueles relacionados à histeria, ocorrem quando a mulher elimina a masculinidade infantil, sob o efeito do recalque. A histeria está, assim, diretamente relacionada com a natureza da feminilidade. Em 'O esclarecimento sexual das crianças' (1907), Freud faz menção à obra Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, reafirmando sua posição de que a mulher é predisposta aos sintomas histéricos devido à sua feminilidade. Ele afirma, então, que

> (...) a puberdade apenas concede aos genitais a primazia entre todas as outras zonas e fontes produtoras de prazer, assim forçando o erotismo a colocar-se a serviço da função reprodutora (...) esse processo pode sofrer certas inibições, e em muitas pessoas (que tendem a se tornar mais tarde pervertidas ou neuróticas) não se completa senão imperfeitamente. (FREUD, 1907, p. 3).

[11] O grifo é nosso

Ao assinalar as transformações sofridas pela mulher após a puberdade, Freud caracteriza seu desenvolvimento sexual como uma "espécie de involução". (FREUD 1905/2006, p.198). Para ele, é só nesse período da vida que se estabelece a separação nítida entre os caracteres masculinos e femininos. Pois mesmo que na infância já fosse possível reconhecer as disposições masculinas e femininas, o fato da atividade auto-erótica e das zonas erógenas serem idênticas em ambos os sexos, impediria uma identificação sexual como a que se estabelece na vida adulta.

Freud anuncia ainda, a existência e importância da bissexualidade constitucional em ambos os sexos. Este tema é retomado no artigo Fantasias Histéricas e sua Relação com a Bissexualidade (1908), para explicar os sintomas histéricos como a expressão, por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina.

> Os sintomas histéricos são a expressão, por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina. (...) A natureza bissexual dos sintomas histéricos, que pode ser demonstrada em numerosos casos, constitui uma interessante confirmação da minha concepção de que, na análise dos psiconeuróticos, se evidencia de modo especialmente claro a pressuposta exigência de uma disposição bissexual inata no homem. Uma situação exatamente análoga ocorre no mesmo campo quando uma pessoa que se masturba tenta em suas fantasias conscientes ter tanto os sentimentos do homem quanto os da mulher na situação por ela concebida. Encontraremos outros correlatos em certos ataques histéricos nos quais o paciente desempenha simultaneamente ambos os papéis na fantasia sexual subjacente. Em um caso que observei, por exemplo, a paciente pressionava o vestido contra o corpo com uma das mãos (como mulher), enquanto tentava arrancá-lo com a outra (como homem). Essa simultaneidade de atos contraditórios serve, em grande parte, para obscurecer a situação, que por outro lado é tão plasticamente retratada no ataque, estando assim em condições de ocultar a fantasia inconsciente que está em ação. (FREUD, 1908, p. 5).

No estudo Sobre as teorias sexuais das crianças (1908), Freud afirma que existe o desenvolvimento sexual de apenas um sexo – o masculino. Portanto, mesmo no caso das mulheres, as zonas sexualmente ativas seriam consideradas masculinas – como é o caso do clitóris. Segundo Freud (1908).

> A primeira dessas teorias deriva do desconhecimento das diferenças entre os sexos a que me referi no início deste artigo como uma característica infantil. Consiste em atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis, tal como o menino sabe a partir de seu próprio corpo. (p.5). (...) A anatomia reconheceu no clitóris situado no interior da vulva feminina um órgão homólogo ao pênis, e a fisiologia dos processos sexuais acrescenta que esse pequeno pênis, que não aumenta de tamanho, comporta-se na realidade, durante a infância,

> como um pênis genuíno - torna-se a sede de excitações que fazem com que ele seja tocado, e a sua excitabilidade confere à atividade sexual da menina um caráter masculino, sendo necessária uma vaga de repressão nos anos da puberdade para que desapareça essa sexualidade masculina e surja a mulher. Como a função sexual de muitas mulheres apresenta-se reduzida, seja por seu obstinado apego a essa excitabilidade do clitóris, de modo a permanecerem anestesiadas durante o coito, seja por uma repressão tão excessiva que seu funcionamento é em parte substituído por formações compensatórias histéricas - tudo isso parece mostrar que existe uma dose de verdade na teoria sexual infantil de que as mulheres possuem, como os homens, um pênis. (p.6).

De acordo com Freud, a histeria é um sintoma desencadeado nas mulheres adultas, pelo fato destas se depararem com a cruel realidade de que são desprovidas de um pênis. Assim, sua função sexual torna-se reduzida e é reprimida, sendo substituída por formações compensatórias histéricas. Em 1909, Freud publicou uma 'Análise de uma fobia de um menino de cinco anos'. Ao falar sobre as diferenças entre os genitais, masculino e feminino ele reforça sua teoria de que o clitóris é um órgão homólogo ao pênis, ao relatar o que disse o pequeno Hans sobre sua irmãzinha: "(...) na realidade, o pipi dela lhe parecia engraçado. Ademais, foi essa a primeira vez em que esta criança reconheceu a diferença entre os genitais masculinos e femininos, em vez de negar sua existência" (p.10). Assim, como Hans, Freud também não nega a existência de um pênis no órgão genital feminino.

Em Totem e tabu, estudo iniciado em 1912 e publicado em 1913, o argumento de Freud é que os sintomas histéricos estão diretamente relacionados às forças instintivas de origem sexual:

> Se analisarmos os instintos em ação nas neuroses, descobriremos que a influência nelas determinante é exercida por forças instintivas de origem sexual; as formações culturais correspondentes, por outro lado, baseiam-se em instintos sociais, originados da combinação de elementos egoístas e eróticos. As necessidades sexuais não são capazes de unir os homens da mesma maneira que as exigências da autopreservação. A satisfação sexual é, essencialmente, assunto privado de cada indivíduo. (FREUD, 1913, p. 56).

No artigo de 1914 intitulado, Sobre o narcisismo: uma introdução, Freud apresenta o conceito do 'complexo de castração' "nos meninos, a ansiedade em relação (à perda do) pênis; nas meninas, a inveja do pênis" (p.13). Nesse estudo, Freud sustenta sua teoria de que, durante a infância, o órgão sexual masculino é o que prevalece para ambos os sexos. É somente no começo da puberdade, que ocorre o amadurecimento "dos órgãos sexuais femininos, até então em estado de latência". Como tal "parece ocasionar a intensificação do narcisismo original", o que ocorre é "desfavorável para o

desenvolvimento de uma verdadeira escolha objetal com a concomitante supervalorização sexual" (FREUD, 1914, p.11).

Na obra de 1919, Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais, Freud aborda a vontade que as meninas têm de ser meninos:

> No entanto, tal característica assinala uma complicação no caso de meninas. Quando elas se afastam do amor incestuoso pelo pai, com o seu significado genital, abandonam com facilidade o papel feminino. Põem em atividade o seu 'complexo de masculinidade' e, a partir de então, querem apenas ser meninos. Por esse motivo, os bodes expiatórios que as representam são também meninos. (FREUD, 1919, p.10).

No estudo A psicogênese de um caso de homossexualismo na mulher (1920), Freud retoma a questão da sexualidade nas mulheres e sua relação com os sintomas histéricos. Ele reitera a discussão sobre 'a inveja do pênis' e o sentimento de castração feminino quando, na puberdade, ao descobrir-se desprovida de um pênis, a menina sente-se qual um homem castrado.

> A análise demonstrou, além disso, que a jovem trouxera consigo, desde a infância, um 'complexo de masculinidade' fortemente acentuado. Jovem fogosa, sempre pronta a traquinagens e lutas, não se achava de modo algum preparada para ser a segunda diante do irmão ligeiramente mais velho; após inspecionar seus órgãos genitais desenvolvera uma acentuada inveja do pênis e as reflexões derivadas dessa inveja ainda continuavam a povoar-lhe o espírito. Era na realidade uma feminista; achava injusto que as meninas não gozassem da mesma liberdade que os rapazes e rebelava-se contra a sorte das mulheres em geral. Na ocasião da análise, as idéias de gravidez e parto eram-lhe desagradáveis, em parte, presumo, devido ao desfiguramento corporal a elas vinculado. Seu narcisismo de moça recorrera a essa defesa e deixara de expressar-se como orgulho por sua boa aparência. Diversas pistas indicavam que, anteriormente, deveria ter tido fortes tendências exibicionistas e escopofílicas. Quem ansiosamente desejar que as reivindicações dos fatores adquiridos, em oposição aos hereditários, não sejam subestimadas na etiologia, chamará a atenção para o fato de que o comportamento da jovem, tal como antes descrito, era exatamente o que decorreria em uma pessoa com forte fixação materna, do efeito combinado das duas influências da negligência da mãe e da comparação de seus órgãos genitais com os do irmão. Aqui, à marca da operação da influência externa nos primeiros anos de vida é possível atribuir algo que seria bom considerar como uma peculiaridade constitucional. Por outro lado, de fato uma parte dessa disposição adquirida (se foi realmente adquirida) tem de ser atribuída à constituição inata. Assim, na prática, vemos uma contínua mescla e mistura do que em teoria tentaríamos separar em um par de opostos, a saber, caracteres herdados e adquiridos. (FREUD, 1920, p. 16).

Em 1923, no texto Organização genital infantil, Freud faz um suplemento à teoria da sexualidade, desejando completar as idéias sobre a sexualidade infantil lançada nos 'Três Ensaios'. Ele conclui, após anos de estudos, observação psicanalítica e experiência, que há diferença entre a organização da sexualidade infantil e a adulta: a organização genital adulta é genital, enquanto a infantil é fálica. Todavia, somente um órgão sexual é conhecido: o masculino. Na menina, os processos que ocorrem são pouco conhecidos. Para a teoria freudiana desses tempos, somente na puberdade se desenvolverá a fase genital. Até lá a vagina não será descoberta.

Em O Ego e o Id (1923), estão reunidas e condensadas grande parte das considerações de Freud sobre a feminilidade. Assim, ao mesmo tempo em que empreendia uma descrição da mente e de seu funcionamento de forma nova e revolucionaria. Freud expõe o Édipo da menina, ressaltando sua semelhança com o complexo do menino, sua singular e característica inveja do pênis, suas conseqüentes feridas narcísicas e a constituição de um superego mais fraco e menos independente.

> Juntamente com a demolição do complexo de Édipo, a catexia objetal da mãe, por parte do menino, deve ser abandonada. O seu lugar pode ser preenchido por uma de duas coisas: uma identificação com a mãe ou uma intensificação de sua identificação com o pai. Estamos acostumados a encarar o último resultado como o mais normal; ele permite que a relação afetuosa com a mãe seja, em certa medida, mantida. Dessa maneira, a dissolução do complexo de Édipo consolidaria a masculinidade no caráter de um menino. De maneira precisamente análoga, o desfecho da atitude edipiana numa menininha pode ser uma intensificação de sua identificação com a mãe (ou a instalação de tal identificação pela primeira vez) - resultado que fixará o caráter feminino da criança. (FREUD, 1923, p. 17).

Como se observa no que está supracitado, quanto à relação da menina com os pais, Freud ressalta que geralmente as crianças de ambos os sexos passam pelo Édipo completo, positivo e negativo. Todavia, apesar disso o pai ainda ganha destaque como figura predominante. O despertar da feminilidade exigiria que a menina mantivesse uma postura passiva diante do genitor, desejando seu pênis e fantasiando dar-lhe um filho. À mãe caberia os papéis de rival na situação edípica e fonte de identificação, à medida em que o complexo de Édipo seja recalcado.

Ainda no ano de 1923, Freud publica A Organização Genital Infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. Aqui, ele argumenta sobre o fato de a mulher ser desprovida de pênis, alegando que a menina acredita que são apenas pessoas desprezíveis do sexo feminino que perderam seus órgãos genitais. Assim a criança

efetua rápida e prontamente uma generalização de sua observação de que as mulheres não têm pênis. Freud alega que a falta do pênis remete a um sentimento de castração. Novamente, a mulher é comparada a um homem castrado.

> De qualquer modo, ela é impedida de fazê-lo porque supõe ser a falta de um pênis resultado de ter sido castrada como punição. Ao contrário, a criança acredita que são apenas pessoas desprezíveis do sexo feminino que perderam seus órgãos genitais - mulheres que, com toda probabilidade, foram culpadas de impulsos inadmissíveis semelhantes ao seu próprio. Mulheres a quem ela respeita como sua mãe, retêm o pênis por longo tempo. Para ela, ser mulher ainda não é sinônimo de não ter pênis. Mais tarde, quando a criança retoma os problemas da origem e nascimento dos bebês, e adivinha que apenas as mulheres podem dar-lhes nascimento, somente então também a mãe perde seu pênis. E, juntamente, são construídas teorias bastante complicadas para explicar a troca do pênis por um bebê. Em tudo isso, os órgãos genitais femininos jamais parecem ser descobertos. Como sabemos, imagina-se que o bebê viva dentro do corpo da mãe (em seus intestinos) e nasça através da saída intestinal. Essas últimas teorias nos levam além da extensão de tempo abrangida pelo período sexual infantil. Não é irrelevante manter em mente quais as transformações sofridas, durante o desenvolvimento sexual da infância, pela polaridade de sexo com que estamos familiarizados. Uma primeira antítese é introduzida com a escolha de objeto, a qual, naturalmente, pressupõe um sujeito e um objeto. No estágio da organização pré-genital sádico-anal não existe ainda questão de masculino e feminino; a antítese entre ativo e passivo é a dominante. No estádio seguinte da organização genital infantil, sobre o qual agora temos conhecimento, existe masculinidade, mas não feminilidade. A antítese aqui é entre possuir um órgão genital masculino e ser castrado. Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero. (FREUD, 1923, p. 4).

Em 1924, Freud escreve O Problema econômico do masoquismo onde destaca que o masoquismo é característico das mulheres e intrínseco à feminilidade. Este texto traz consigo o resultado da mudança ocorrida no pensamento de Freud depois da constatação da existência da pulsão de morte:

> É desnecessário citar casos para ilustrar isso, pois o material é muito uniforme e acessível a qualquer observador, mesmo a não analistas. Havendo, porém, uma oportunidade de estudar casos em que as fantasias masoquistas foram, de modo especial, ricamente elaboradas, de imediato se descobre que elas colocam o indivíduo numa situação caracteristicamente feminina; elas significam, assim, ser castrado, ou ser copulado, ou dar à luz um bebê. Por essa razão chamei essa forma de masoquismo, *a potiori* por assim dizer [isto é, com base em seus exemplos extremos], de forma feminina, embora tantas de suas características apontem para a vida infantil. Essa estratificação superposta do infantil e do feminino encontrará posteriormente uma

> explicação simples. Ser castrado - ou ser cegado, que o representa - com frequência deixa um traço negativo de si próprio nas fantasias, na condição de que nenhum dano deve ocorrer precisamente aos órgãos genitais ou aos olhos. (As torturas masoquistas, incidentalmente, com raridade, causam uma impressão tão séria quanto as crueldades do sadismo, quer imaginado ou realizado.) Também um sentimento de culpa encontra expressão no conteúdo manifesto das fantasias masoquistas; o indivíduo presume que cometeu algum crime (cuja natureza é deixada indefinida), a ser expiado por todos aqueles procedimentos penosos e atormentadores. Isso se parece com uma racionalização superficial do tema geral masoquista, mas jaz por trás dela uma vinculação à masturbação infantil. Por outro lado, esse fator de culpa fornece uma transição para a terceira forma de masoquismo, a moral. (FREUD, 1923, p.4).

No mesmo ano foi publicada a obra A dissolução do complexo de Édipo (1924). Aí é possível reconhecer os primeiros sinais de uma mudança que estava próxima. Freud reconhece que podem existir diferenças entre os desenvolvimentos sexuais de meninos e meninas, uma diferença que é conseqüência da particular anatomia de cada sexo. No entanto, a concepção de que a verdadeira organização genital está ausente até a puberdade é mantida. Para o menino, o declínio do complexo de Édipo se realizará sob ação do complexo de castração, vivendo um conflito entre seus desejos libidinosos que dirige à mãe (num Édipo positivo) e o interesse narcísico que dirige para o pênis, prevalecendo normalmente o segundo caso.

Na menina, o complexo de castração, despertado pela visão do pênis nos meninos, a levará a um sentimento de inferioridade e a querer compensar sua falta pela inveja do pênis. No menino, o complexo de castração o faz abandonar os desejos edipianos. Na menina, ao invés disto, o complexo de castração a faz voltar-se para o pai para tentar substituir a falta do pênis: o desejo de ter um filho do pai, como substituto do pênis é, portanto, o promotor do Édipo feminino. A menina não teme a castração, por já ser castrada. Enquanto no menino o Superego se forma pela introjeção da autoridade paterna, na menina são fatores externos que agirão como a educação, a intimidação, o temor de não ser mais amada.

Em 1925 ressaltamos, encontramos um marco na concepção freudiana acerca da feminilidade. O artigo Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos, caracteriza mudança e evolução na teoria da feminilidade. Aqui, Freud fala sobre a diferença entre os complexos de Édipo de meninas e meninos, descrevendo seja os três destinos possíveis da castração seja o papel deste complexo na estruturação da feminilidade. Ele também começa a atentar para a importância da relação pré-edipiana da menina com sua mãe e para a necessidade de uma mudança de objeto amoroso no

momento do complexo de Édipo. Para Freud, o Édipo da menina levanta uma suposição a mais: como aquela elege o pai como objeto de investimento amoroso e abandona a mãe? Antes de a menina desejar ter um filho com o pai, ocorre uma longa pré-história. Freud questiona: a descoberta da zona genital (clitóris ou pênis) não estaria ligada à perda do seio materno, como se trocassem uma fonte de prazer por outra?

Freud postula ainda que o desapontamento gerado pela ausência do pênis, na menina, acaba culminando num afastamento quanto à mãe. A menina acusa-a de amar mais os outros filhos (os que têm um pênis) e pára de se masturbar, decepcionada com seu clitóris. A masturbação é tida como algo ligado à virilidade. Freud postula que o reconhecimento da diferença sexual obriga a menina a renunciar à masculinidade e a dirigir-se à feminilidade. Agora, a menina renuncia ao pênis, substituindo-o pelo desejo de ter um filho e, para isto, volta-se ao seu pai: a mãe passa a ser uma rival, a menina tornou-se uma mulher.

Segundo Freud,

> As conseqüências da inveja do pênis, na medida em que (esta) não é absorvida na formação reativa do complexo de masculinidade, são várias e de grande alcance. Uma mulher, após ter-se dado conta da ferida ao seu narcisismo, desenvolve como cicatriz um sentimento de inferioridade. Quando ultrapassou sua primeira tentativa de explicar sua falta de pênis como uma punição pessoal para si mesma, e compreendeu que esse caráter sexual é universal, ela começa a partilhar do desprezo sentido pelos homens por um sexo que é inferior em tão importante aspecto, e, pelo menos no sustentar dessa opinião, insiste em ser como um homem. (FREUD, 1925, p.7).

O complexo de Édipo na menina é uma formação secundária: enquanto nos meninos ele sucumbe ao complexo de castração, nas meninas ele torna-se possível: é promovido. O complexo de castração inibe a masculinidade e encoraja a feminilidade. A diferença entre o complexo de castração nos dois sexos deve-se às diferenças anatômicas. A menina não teme a castração, pois esta se pensa já anatomicamente castrada. O menino teme a castração, ela é apenas uma ameaça. Do complexo de castração resulta não somente uma repressão dos desejos edipianos, mas um abandono total aos investimentos libidinais, que são então sublimados. Os objetos parentais serão incorporados ao Ego, formarão o núcleo do Superego. O Superego é herdeiro do complexo de Édipo, sendo que, em casos "normais ou ideais", o Édipo em meninos não existe nem mesmo no inconsciente, sendo que isto é, uma "vitória da raça sobre o indivíduo". (FREUD 1925/2006, p.198).

Em 1926, ao publicar A questão da análise leiga, Freud alega que para a criança do sexo feminino não é possível descobrir o papel a ser desempenhado por seu órgão sexual. Toda ênfase recai sobre o órgão masculino, e todo interesse infantil seria se o pênis está presente ou não:

> Outra característica da sexualidade infantil inicial é que o órgão sexual feminino propriamente dito ainda não desempenha nela qualquer papel: a criança ainda não o descobriu. A ênfase recai inteiramente no órgão masculino, todo o interesse da criança está dirigido para a questão de se ele se acha presente ou não. Sabemos menos acerca da vida sexual de meninas do que de meninos. Mas não é preciso envergonharmo-nos dessa distinção; afinal de contas, a vida sexual das mulheres adultas é um 'continente negro' para a psicologia. Mas aprendemos que as meninas sentem profundamente falta de um órgão sexual que seja igual em valor ao masculino; elas se consideram por causa disso inferiores, e essa 'inveja do pênis' é a origem de todo um grande número de reações femininas características. (FREUD, 1926, p. 20).

Mais tarde, na publicação do artigo Fetichismo (1927), Freud argumenta sobre o sentimento de castração na mulher e sobre o medo sentido pelos meninos ao se depararem com o órgão sexual feminino (desprovido de pênis, sugerindo, um homem castrado). "Provavelmente a nenhum indivíduo humano do sexo masculino é poupado o susto da castração à vista de um órgão genital feminino" (p.4). Ao final deste estudo Freud conclui: "podemos dizer que o protótipo normal dos fetiches é um pênis de homem, assim como o protótipo normal de órgãos inferiores é o pequeno pênis real de uma mulher, o clitóris" (p.6).

No artigo Sexualidade feminina (1931) e na conferência sobre 'Feminilidade' (1933), o complexo de Édipo, o narcisismo e o sentimento de castração por parte das mulheres, são ampliados. Em ambos os textos, Freud descreve detalhadamente a relação da menina com sua mãe, o modo como a matriarca seduz a filha despertando e estimulando sua sexualidade, as relações ambivalentes de amor e rivalidades entre ambas e a separação marcada por intensa hostilidade.

As saídas da castração são definidas e delimitadas. Freud revela que após passar pela castração a menina pode entrar no complexo de Édipo positivo, aferrar-se no complexo de masculinidade, ou ainda, afastar-se da sexualidade. A partir destas noções ele expõe claramente como o Édipo da menina é diferente e mais complexo que o masculino. Freud observa que, antes de surgir à ligação da menina com o pai, existia uma forte ligação desta com a mãe. Em muitos casos, esta persiste para além dos quatro

ou cinco anos: “Tínhamos de levar em conta a possibilidade de um certo número de mulheres que permanecerem detidas em sua ligação original à mãe e nunca alcançarem uma verdadeira mudança em direção aos homens”. (FREUD, 1931, p. 260). Salienta-se ainda a existência de mulheres que estacionam em sua ligação materna e jamais completam a mudança de objeto. Ressalta-se que a fase pré-edipiana na mulher é muito mais importante do que havia suposto e aponta que a universalidade do Édipo precisa ser repensada, levando-se em conta o princípio do Édipo negativo nas meninas; durante a fase de ligação com a mãe (Édipo negativo), o pai é considerado um rival, mesmo que não o hostilize tanto quanto os meninos.

Freud (1931) recusa-se a dar o nome de complexo de Electra ao Édipo feminino, pois não há analogia entre o Édipo feminino e o Édipo masculino. No menino, a visão dos órgãos femininos introduz o complexo de castração, tendo como conseqüências a destruição do Édipo, o desinvestimento da mãe e a criação do superego, sendo que um dos resíduos do complexo de castração será sua depreciação da mulher enquanto ser castrado. A menina reconhece sua castração e a superioridade do menino, mas protesta contra este estado, restando-lhe três saídas: renunciar à sexualidade, reivindicar o pênis ou aceitar a feminilidade.

Nestes textos Freud se questiona: “O que exige a menina da mãe?” (1931, p. 270). Aponta para a passividade e a atividade e pergunta-se: quais os objetivos sexuais da menina em relação à mãe? Identifica “atividade-passividade” com masculinidade e feminilidade, observando que as primeiras vivências sexuais da criança são passivas em relação à mãe. Mas uma parte da libido manifestar-se-á rapidamente de modo ativo: “mamar” substituirá o “ser alimentado”; a criança tentará fazer da mãe um objeto e a si mesma atribuirá um papel de sujeito ativo: a mãe é, com efeito, o primeiro sedutor na vida da criança, pois executa nela os cuidados corporais. Freud lembra-nos, no entanto, que existe apenas uma libido, sejam os objetivos ativos ou passivos.

Em 1932, Freud chama atenção para o problema da bissexualidade, pois para ele, anatomicamente um indivíduo não é nem totalmente macho, nem totalmente fêmea. Apresenta-se então um problema: como este ser bissexual que é menina torna-se mulher? O próprio nos responde, afirmando que no início da fase fálica, devemos admitir que a menina é um homenzinho, não havendo diferença entre ela e o menino. Assim, a vagina seria inexistente e a masturbação seria a mesma para ambos, sendo o clitóris comparado a um pequeno pênis ([1932], p. 146). A mudança de zona erógena faz-se necessária para a masturbação feminina: do clitóris, a masturbação tem que

passar à vagina. Mas esta mudança de zona erógena acompanha uma mudança objetal: a menina abandona sua ligação primária com a mãe e toma o pai como objeto, sempre levando em conta que a fase pré-edipiana desempenha um importante papel para o desenvolvimento da menina, nas fases que ela atravessa: oral, anal, fálica, ativa, passiva. Este período caracteriza-se por forte ambivalência.

Na fase fálica, a menina deseja fazer um filho na mãe e ter um dela, é aí que se situa o ponto de fixação da paranóia na menina. A partir desta fase, desenvolve-se na menina um ódio intenso pela mãe, que a fez castrada como ela o é. A menina reprova a mãe por não lhe ter dado um pênis: nasce a inveja do pênis, que persistirá por toda a vida, podendo ser sublimado, como na escolha de uma profissão que lhe permita satisfazer, mesmo que parcialmente, este desejo reprimido.

A descoberta da castração, para Freud, é determinante na menina: seja em direção à neurose, seja em direção a um problema de complexo de virilidade ou em direção à sexualidade normal. Determinará também seu afastamento da mãe e a renúncia da masturbação clitoriana. A menina liga-se então ao pai, primeiro desejando um pênis daquele que o possui. Só depois é que se estabelece uma situação edipiana normal, passando aquela a desejar um filho, substituto do pênis. No fantasiar infantil, a menina brinca de bonecas, identificando-se inicialmente com a mãe ativa, mas logo esta boneca representará o filho do pai. A inveja do pênis será compensada pelo nascimento de uma criança, sobretudo se for do sexo masculino. O complexo de castração, longe de destruir o complexo de Édipo, o propicia e mantém.

Freud acrescenta que, se, por um lado, a ausência de um pênis implica a questão da castração para a menina como um fato consumado ao passo que para o menino se apresenta a constante ameaça ante a perda do órgão, por outro lado, não é sem resistências que a menina se defronta com a falta de um pênis. Num trecho seguinte, Freud diz que esses "dois desejos – possuir um pênis e um filho – permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior" ([1932] 2006, p. 223-224).

A relação entre a menina e sua mãe se dá então em duas vertentes: uma marcada pela fase pré-edípica, na qual a mãe é tomada como primeiro objeto de amor, e outra, advinda do complexo de Édipo, em que a mesma mãe será vista como uma rival a ser eliminada para que a menina possa ocupar-lhe o lugar junto ao pai. Diante dessa relação conflitiva e de acordo com o modo pelo qual a menina significa sua castração, restam-lhe três saídas possíveis do complexo de Édipo: a inibição sexual ou a neurose, o

complexo de masculinidade e a feminilidade normal propriamente dita. O primeiro caso é caracterizado, sobretudo por uma atitude de desvalorização da menina em relação à mãe. Assim, como conseqüência última, ocorre o recalque, por parte da menina, de grande parte de suas inclinações sexuais. Já o complexo de masculinidade será definido como um momento no qual a menina se recusa a reconhecer a falta de pênis materno e, conseqüentemente, sua própria falta, rebelando-se de modo a acentuar sua masculinidade prévia, apegando-se a uma atividade masturbatória clitoridiana, permanecendo, desta maneira, vítima da esperança de um dia ainda vir a ter um pênis.

Por fim, somos conduzidos à terceira possibilidade levantada por Freud – uma saída pela feminilidade – que pode ser explicada pela capacidade da mulher em proceder a um deslizamento simbólico, abrindo mão do objeto materno e se dirigindo ao pai, figura à qual endereçará seu desejo por um filho, como representante do estabelecimento de um desejo feminino por excelência. Segundo Freud, "sua felicidade é grande se, depois disso, esse desejo de ter um bebê se concretiza na realidade; e muito especialmente assim se dá, se o bebê é um menininho que traz consigo o pênis tão profundamente desejado". ([1933] p. 128).

Em 1937, ao publicar o artigo Análise terminável e interminável, Freud explica que: 'Os dois temas correspondentes são, na mulher, a inveja do pênis - um esforço positivo por possuir um órgão genital masculino - e, no homem, a luta contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem. O que é comum nos dois temas foi distinguido pela nomenclatura psicanalítica, em data precoce, como sendo uma atitude para com o complexo de castração'.

A teoria freudiana apontava o orgasmo clitoridiano, que deveria ser interpretado como um avanço das mulheres no que se refere ao direito de obter prazer, com um sintoma histérico, típico de uma mulher 'mal-formada' ou não plenamente realizada, o que demonstraria mais uma investida do patriarcado, com o objetivo de limitar e cercear a sexualidade feminina.

III. A FEMINILIDADE NA TEORIA PSICANALÍTICA: COM FREUD, ALÉM DE FREUD...

A teoria freudiana da sexualidade feminina despertou, desde o início, grande polêmica no movimento psicanalítico. O argumento mais frequente contra as teses freudianas da premissa fálica e da inveja do pênis se dá no sentido de apontar a incoerência biológica das mesmas. Na mesma direção, os autores apostam no investimento primário da vagina como sede dos impulsos libidinais da menina; chamam a seu favor explicações filogenéticas ou o conceito de instinto. Deste modo, a sexualidade feminina desvela uma crise de modelos que ainda hoje não foi superada e que se reflete de modo decisivo na clínica psicanalítica.

Chiland, psiquiatra e psicanalista francesa escreveu artigos e livros, ministrou palestras e conferências sobre a temática da feminilidade. Em seus estudos a autora exprime não só suas concordâncias com o pensamento freudiano, mas também suas discordâncias, críticas e os resultados de anos de experiência clínica atendendo mulheres. Nas obras de Chiland, é possível distinguir uma leitura genuína da feminilidade. Uma abordagem que reconhece e tem em alta consideração o papel, as influências e conseqüências dos determinantes biológicos na estruturação e evolução da feminilidade.

Estes determinantes biológicos, no entanto, não são exatamente os mesmos destacados por Freud, ao contrário, Chiland (1990) valoriza e enfoca a "realidade biológica" (CHILAND, 1990, p. 164) própria e característica da mulher: a 'femeidade' a realidade que diz respeito especificamente à mulher. Dentre os determinantes biológicos que caracterizam a femeidade, a autora destaca:

- O papel da mulher durante a relação sexual que seria de recepção e captação.
- O papel da mulher em gerar e conceber os filhos, carregando-os durante a gestação e alimentando-os através do leite de suas mamas.

Segundo Chiland (1990, p.241),

> O sexo e a morte permitiram a evolução, lembra-nos François Jacob. Existe uma realidade, chamemo-la, no que diz respeito à mulher, a femeidade (*femelléite*). O que ela acarreta diretamente, irreversivelmente? Não acarreta nem mesmo a constituição da

> identidade pessoal, a identidade sexuada, o que Stoller chama de identidade de gênero. O que determina, para a criança, a identidade sexuada não é o sexo cromossômico, gonádico, genital, externo, é o sexo de designação, o sexo no qual foi educada e investida por seus pais.

Para a referida autora, entre o homem e a mulher, encontram-se apenas as seguintes diferenças, determinadas pela femeidade:

- Durante o ato sexual, o homem penetra a mulher, a vagina recebe o pênis; a penetração opõe-se à receptividade e, imaginativamente, a intrusão opõe-se à captação;
- A mulher, fêmea mamífera, carrega os filhos e carrega mamas suscetíveis de proporcionar leite ('porta-mamas' é o sentido próprio de mamíferos); os homens (viri) não o podem fazer, mesmo com os humanos (*homines*) tendo conseguido inventar a inseminação artificial, a fecundação extracorporal, as incubadoras, a mamadeira, esperando as realizações do Admirável mundo novo, de Huxley;
- A vida sexual da fêmea humana é marcada por uma descontinuidade visível das etapas que não tem seu equivalente no macho humano, e que se situa sob o signo do sangue;
- A primeira menstruação e o ritmo das seguintes;
- A defloração;
- As maternidades (gravidez, aleitamento, resguardo dos partos);
- A menopausa, que caracteriza a fêmea humana entre os mamíferos.

De acordo com Birman,

> O que caracterizaria a figura da mulher seria, então, o dom para a maternidade, que definiria sua finalidade biológica e delinearia, pois, suas modalidades de inserção no campo social. Isso porque as faculdades morais estariam efetivamente definidas por suas potencialidades naturais. Se esse atributo da mulher sempre foi reconhecido de bom grado e sempre foi a fonte maior de seu poder imaginário coletivo, na modernidade, tornou-se o caminho preferencial pelo qual se procurou também limitar o anseio das mulheres por outros poderes e lugares no espaço social. Com efeito, por suas disposições naturais intrínsecas – pélvis alargada, presença dos seis e a possibilidade de aleitamento – parece evidente que a finalidade biológica do corpo feminino seria para a gestação e a maternidade, podendo realizar, então, a finalidade suprema da

> reprodução da espécie. Enfim, a maternidade seria algo de ordem estritamente instintiva. (BIRMAN, 2001, p. 54)

Todos os fatores supracitados, sem dúvida, podem explicar por que as sociedades ritmam, com ritos de passagem mais marcados, as etapas da vida dos machos. No mais, todas as outras diferenças entre homens e mulheres são deduzidas no domínio sociocultural.

> Em toda sociedade, há uma partilha de papéis e das tarefas entre os homens e as mulheres. Essa partilha varia. A complementariedade e a reciprocidade das tarefas são, talvez, mais evidentes nas sociedades ditas primitivas. Evans-Pritchard, que diz não compreender verdadeiramente o movimento feminista (*La femme dans les sociétes primitives*), sublinha que a mulher parece mais bem aparelhada na sociedade moderna, em função do celibato e da esterilidade voluntária, desconhecidos nas sociedades primitivas. As mulheres conscientizaram-se de que destino biológico e destino social não se disfarçavam que elas podiam não ser prisioneiras para sempre do que sua sociedade considerava feminino. Começaram a lutar contra o que consideraram opressão da mulher pelo homem. Não se pode deixar de dizer que, quando se estuda *Historie et sociologie Du travail fémini* (Evelyne Sullerot), não se pode ficar senão convencido da realidade dessa opressão e considerar, com Simone de Beauvoir, que a libertação da mulher passa pelo trabalho (CHILAND, 1990, p. 243).

Chiland (1990) aborda o princípio da indisponibilidade do corpo humano, observando que as amas de leite vendiam seu leite; o fato de, em alguns países não ser proibido vender seus órgãos; constituir-se a prostituição uma das maneiras de vender o corpo humano. De acordo com a autora, a cirurgia de troca de sexo é uma mutilação, pois é preciso considerar a configuração biológica da mulher (PORTAL SEXUALIDADE, 2010):

- Vida intra-uterina: desde o útero materno, para a definição do sexo anatômico é preciso que haja uma interação de elementos genéticos, hormonais e neurológicos. Durante a fase intra-uterina, ocorre a diferenciação das vias genitais e da genitália externa concomitante com o desenvolvimento das gônadas e sob influência de fatores circulantes.
- Adolescência: essa fase representa a transição da infância para a fase adulta, e é marcada pela puberdade, iniciada e regulada pela ação hormonal sobre o corpo em desenvolvimento. No caso das mulheres, ocorrem as seguintes mudanças físicas: mamas, formas corpóreas arredondadas, voz aguda, menstruação, pilosidade nas axilas e na genitália.
- Fase adulta: nesta fase ocorre a função sexual plena. Nos diferentes tipos de animais as fêmeas apresentam características próprias para mostrar aos machos que estão em seu período fértil. Na mulher não ocorre o cio, como nos animais. Mas, alguns autores afirmam que ocorre uma sinalização por intermédio dos feromônios (substâncias químicas aromáticas liberadas pela mulher a fim de despertar o desejo sexual do homem e atraí-lo para a procriação), estas características teriam um efeito afrodisíaco e ativador sexual.

- Ciclo menstrual: durante o ciclo menstrual ocorrem diversas alterações no organismo feminino. A mulher passa por alterações hormonais e fisiológicas que influem, direta e indiretamente na atividade sexual da mulher.
- Menopausa: ocorre aproximadamente aos 48 anos de idade, é o momento em que a menstruação é interrompida devido à insuficiência ovariana. O período de transição para a menopausa é denominado climatério e vai desde os 40 anos de idade até os 65 anos. Durante o climatério ocorre uma queda intensa e progressiva da produção estrogênica. Essas alterações hormonais interferem na atividade sexual.

Na concepção de Chiland o corpo biológico desempenha um papel essencial na determinação da imagem com a qual o sujeito se identifica e pela qual o mesmo se representa. Freud, em sua obra, buscou apresentar uma conceituação acerca da figura feminina, ao abordar o corpo, a função e a sexualidade da mulher. Ao retomar a discussão acerca da feminilidade, Freud utilizou a estrutura edipiana, um dos pilares da psicanálise. Ao tentar compreender as fantasias e os sintomas histéricos do universo feminino, ele descobriu o inconsciente, o trauma, o sexual, que estavam relacionados às experiências infantis. Assim, Freud desenvolveu sua teoria acerca da feminilidade com referência à castração e à primazia fálica, como o único meio de alcançar a feminilidade normal.

As teorias de Freud sobre a feminilidade sempre atraíram críticas desde a publicação de sua obra Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos, em 1925.

Segundo Chiland (1990, p. 243-244),

> É inútil pretender ocultar suas idéias bastante tradicionais, pouco revolucionárias, bem reacionárias sobre as mulheres. É verdade que, se ele desejou uma 'caipira' no lar (Martha), alimentou estima e amizade por mulheres intelectuais (Minna, *Lou Andreas-Salomé*, Anna...). Mas, permaneceu um homem, apegado as suas descobertas do homem, espantado diante do 'continente negro'. As formulações de Freud sobre a sexualidade viram seu paradoxo acentuar-se ao longo dos anos. Ele parte da teoria sexual infantil dos meninos imaginando que existe um único sexo e que as mulheres são providas de um pênis (As teorias sexuais infantis, 1908, in *La vie sexuelle*), para chegar à afirmação de que existe apenas um único órgão genital para os dois sexos, que há um primado do falo (A organização genital infantil, 1923, in *La vie sexuelle*), que a 'menininha é um pequeno homem' até a puberdade (A feminilidade, Novas Conferências, 1933). (...) A bissexualidade do ser humano é, em Freud, uma afirmação constante. Mas seu enraizamento anatomofisiológico para ele nunca logra êxito em ceder completamente o lugar no jogo das identificações aos dois pais, às personagens-chaves dos dois sexos. Ele não faz do clitóris um órgão sexual feminino, mas um vestígio do órgão sexual macho. A masturbação clitoriana seria uma masturbação masculina. A menininha ignoraria que tem uma vagina. Daí, a idade adulta, a necessidade de uma mudança de zona do clitóris para a vagina. Nos

> epígonos (Marie Bonaparte), o dogma chega até a 'interditar' a participação da sensibilidade no orgasmo feminino.

Em outra obra, ao discutir a teoria de Freud, Chiland (2001, p. 81), afirma:

> Ser intersexuado não é ser bissexuado. Freud acreditava que todos os seres humanos eram bissexuados, e que o homem e a mulher não eram mais que abstrações. O contrário dessa posição seria de bom grado assumido: só existem homens e mulheres, os seres humanos são uma abstração. Freud insistia na bissexualidade (na verdade, bissexuação, disposição bissexuada) com base em constatações embriológicas. No começo do desenvolvimento, há cordões de Wolff e cordões de Muller em todos os embriões; os cordões de Wolff atrofiam-se na futura fêmea e os cordões de Muller, no futuro macho; permanecem restos atrofiados de uns e de outros. Além disso, Freud considerava o clitóris como um pênis abortado; logo, um órgão macho. O estado primordial era o macho; a mulher tinha órgãos genitais bissexuados: um clitóris macho, uma vulva e uma vagina fêmeas; era por isso até mais bissexuada do que o homem. Hoje, constata-se que, sem a intervenção ativa de andrógenos e de hormônio antimulleriano por sete semanas, o embrião se desenvolve num organismo fêmea, apesar de uma fórmula cromossômica XY. O estado primordial seria o de fêmea. Seria possível dizer que o pênis é um clitóris hipertrofiado, androgeneizado... Talvez fosse mais racional dizer que há uma diferenciação original com dupla potencialidade. De todo modo, o desenvolvimento embrionário não fabrica um homem ou uma mulher (é a sociedade que o faz); ele fabrica um macho ou uma fêmea com – às vezes – algumas incoerências.

Chiland (2005) afirma que Freud parte da biologia e situa o ser humano entre os animais. De acordo com a referida autora,

> O que se quis designar nele como um 'desvio biologizante' nos parece, ao contrário, essencial a seu pensamento. O ser humano é um animal, um animal particular, complicado, mas um animal. É verdade que o homem fala, possui uma linguagem articulada incomparável às formas de comunicação animal; mas nem por isso deixa de ser um animal. O ser humano nasce, sofre e morre. Nada é vivido na psique que não tenha um enraizamento no corpo. Freud esforçou-se em pensar o psiquismo e a cultura sem nenhum recurso a uma transcendência, chegando a desconhecer que a cultura se transmita por herança social e não por hereditariedade biológica (CHILAND, 2005, p. 19).

Em sua obra Homo Psychanalyticus (1990), Chiland afirma, ainda, que existe outra linha de pensamento de Freud que repousa na oposição atividade-passividade e no paralelismo que ele estabelece entre toda uma série de oposições, tais como:

- Ativo – passivo;
- Masculino – feminino;
- Fálico – castrado;

- Sádico – masoquista;
- Agressivo – submisso.

Freud chega a afirmar que a libido é de essência masculina e fala de pulsão (ativa) com objetivos passivos. O quadro abaixo representa uma análise semântica, apresentada por Chiland (1990), que permite balizar diversos níveis e denunciar deslizamentos de sentido na correspondência dessas oposições.

Quadro 1: Deslizamentos de sentido na teoria de Freud

Dicotomia inicial	**Atividade**	**Passividade**
Identidade sexuada	Masculino	Feminino
Órgão sexual	Fálico	Castrado
Comportamento sexual	Penetração	Receptividade
Conduta socialmente admitida (na época de Freud)	Iniciativa	Espera
Musculatura	Ação	Inércia
Poder	Dominação	Submissão
Status	Autonomia	Dependência
Escolha de objeto	Objetal (anaclítica, por apoio)	Narcísica
Condutas instintivas	Agressividade	Docilidade, suavidade
	Sadismo (prazer de fazer sofrer)	Masoquismo (prazer de sofrer)

Fonte: Chiland, 1990, p. 245.

Para Chiland (2005) a representação social das realidades biológicas varia com o desenvolvimento dos conhecimentos biológicos. É importante destacar que os critérios de masculinidade e feminilidade variam de acordo com a cultura.

> O masculino e o feminino não decorrem da natureza (biológica) do homem ou da mulher, são uma interpretação das diferenças biológicas impossíveis de negar. Embora convencionais e em grande parte arbitrárias, essas interpretações são impostas aos membros de uma cultura dada, e a maioria se submete a esses estereótipos (CHILAND, 2005, p. 35).

A complexa posição de Freud sobre o relacionamento mente e corpo está refletida no fato de que sua teoria tem sido vista por alguns como atribuindo um destino biológico inescapável ao homem e à mulher (anatomia é destino). Conduto, no entendimento de outros, Freud sustentava a crença revolucionária de que, psicologicamente falando, não se nasce homem ou mulher, e que a masculinidade e feminilidade são construídas por intermédio de um período de tempo e são relativamente independentes do sexo biológico. Para Chiland,

> A identidade civil não se refere a gênero, mas a sexo; no entanto, registra-se: sexo masculino ou feminino. A declaração do sexo na certidão de nascimento foi por muito tempo feita por alguém que dizia que, em determinado dia, em dada hora, nasceu de certos pais uma criança de determinado sexo, sem que fosse pedida uma prova (hoje, pede-se um atestado médico). Segundo o princípio da indisponibilidade do estado, o indivíduo não podia mudar de sexo; podia-se tão-somente retificar um erro material. E, não obstante, era em condições bem precárias que essa declaração era registrada, comprometendo toda a vida do indivíduo. (...) No vocabulário da distinção entre sexo e gênero, seria possível dizer que um sexo (o reconhecimento de seus órgãos genitais) lhe é atribuído, decorrendo daí seu gênero (a atribuição de seu estatuto social, os comportamentos que dele se espera, a autoconsciência que se considera sobrevir). Mas muitos dos que utilizam a noção de gênero introduzem uma ruptura entre sexo e gênero que me parece lamentável. (CHILAND, 2001, p. 82).

As diferenças entre os machos e as fêmeas são evidentes; referem-se antes de tudo aos órgãos genitais, ao ato sexual e à procriação. O homem tem órgãos genitais que são exteriores, visíveis – que ele tem orgulho de exibir – sensíveis à agressão, frágeis em sua capacidade de ereção. A mulher, por sua vez, tem órgãos genitais escondidos, internos, não acessíveis à sua própria visão direta; a ereção é própria do homem e é bem ridículo, como às vezes se faz, pôr em paralelo a ereção dos mamilos ou do clitóris e a do pênis (CHILAND, 2005, p. 35).

> O penetra e, para fazer isso, deve ter uma ereção, cujo fracasso é um atentado narcísico; ele deve dar as suas provas. A mulher deve poder assumir uma posição de receptividade, deixar-se penetrar. O homem engendra, a mulher pare; até agora, só a mulher pode, como toda fêmea mamífera, trazer filhos e amamentá-los. Podemos imaginar artifícios que tornariam o homem capaz de trazer um filho em seu peritônio e ter leite nos seios. Mas esses artifícios, complexos e custosos, não podem se tornar o modo ordinário de procriar. Entre os mamíferos, a mulher tem particularidades: sua penetrabilidade não é dependente do estro, ela conhece uma menopausa e cessa de ser fecunda; as culturas colocam interditos à penetração, biologicamente possível a qualquer momento: por exemplo no momento da menstruação, ou durante a gravidez, ou após o parto. As sociedades tentam constantemente limitar, regulamentar a sexualidade. E, no

> mesmo tempo, esta lhes escapa. Toda sociedade guarda, assim, contradições quanto à sexualidade (CHILAND, 2005, p. 33).

Homens e mulheres são diferentes em seu desenvolvimento sexual, uma vez que a mulher possui a menarca (primeira menstruação que surge no início da adolescência) e, a partir de então tem de conviver com seus ciclos menstruais mensais até o climatério, quando chegar a menopausa. Além disso, a mulher tem de conviver com defloração, gravidez, parto, amamentação e menopausa.

> Elas se desenrolam todas sob o signo do sangue, ou porque ele escorre, ou porque cessa de escorrer. A mulher vive na espera: ela espera as regras, cuja vinda não depende dela; espera (esperava) um marido; espera um filho, que se desenvolve fora de seu controle; espera a subida do leite... De sua posição de receptividade no coito e de espera por acontecimentos importantes da vida deduziu-se a passividade da mulher. No entanto, ela precisa ser ativamente receptiva no coito, ela não é uma prancha inerte perfurada. Ela precisa ser ativa na amamentação. (CHILAND, 2005, p. 34).

Com base na teoria de Freud, alguns de seus seguidores chegaram a afirmar que se a mulher é ativa na amamentação, é então viril, deste modo, algo que é inerente à mulher é visto como um signo de masculinidade. De acordo com Chiland (1990), as proposições de Freud sobre a sexualidade feminina se apóiam em três pilares principais, que estão presentes desde a primeira edição de Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, em 1905, mesmo que assumam, mais tarde, um relevo diverso em suas formulações mais abruptas, especialmente nos textos escritos na década de 1920 e 1930 (vide quadro abaixo).

Quadro 2: Pilares da teoria freudiana

Primeiro tema	Uma dupla equação semântica é estabelecida entre atividade e masculinidade, de um lado, passividade e feminilidade, de outro lado. Essa equação, Freud a mantém ao longo de toda a sua obra, mesmo qualificando-a, em Novas Conferências, de convencional, seguindo a assimilação convencional da atividade à masculinidade. Nesse momento, 1932-1933, ele sente a imperfeição ou inadequação disso e fala 'em preferência por objetivos passivos' ou 'tendências com objetivos passivos'.
Segundo tema	Fálico é oposto a castrado. Na linguagem em moda atualmente, inspirada pela linguística estrutural, dir-se-ia que o significante falo é oposto a uma ausência de significante ou a um significante zero e não a outro significante. Antes de chegar à generalização dessa afirmação, Freud passa por etapas. É primeiramente uma 'teoria sexual infantil' dos meninos (1908): "Os meninos não colocam em dúvida que todas as pessoas que encontram têm aparelho genital semelhante ao seu" (Três ensaios, 1915). Em 'A organização genital infantil', em 1923, embora Freud reconheça: "infelizmente não podemos descrever esse estado de

	coisas senão na criança macho; o conhecimento dos processos correspondentes na menina nos faz falta", ele atribui o mesmo '*primado do phallus*' aos dois sexos: o caráter principal da organização genital infantil "reside em que, para os dois sexos, um único órgão genital, o órgão macho, desempenha um papel". A afirmação de que a libido é por essência macho – toda pulsão é ativa – articula esses dois primeiros temas entre si e com o terceiro.
Terceiro tema	O clitóris, embora parte integrante dos órgãos genitais femininos, é o homólogo anatômico da glande peniana, um pênis-miniatura ou abortado. A masturbação da menina é clitoridiana; ela ignora a existência da vagina até a puberdade. Portanto, uma vez que o clitóris é um pequeno pênis, sua masturbação é masculina, e a menina é um pequeno homem até sua puberdade. Tornar-se uma mulher não é nem mesmo integrar duas fontes de sensibilidade, clitoridiana e vaginal, mas mudar de zona, renunciar ao clitóris masculino pela vagina feminina ou, no máximo, utilizá-lo como "lenha que serve para fazer queimar a madeira mais dura" (Três ensaios, 1905).

É desses três temas que decorrem as características do Édipo feminino (o complexo de castração introduz aí a menina; não há, na menina, relação fatal entre o amor pelo pai do sexo oposto e o ódio pelo pai do mesmo sexo, considerado como rival; o complexo de Édipo feminino não se liquida) e do psiquismo (Superego menos potente, sublimação menor, etc.). Para Chiland (1990) essas proposições de Freud parecem discutíveis, pois existem seis pontos essenciais que precisam ser considerados nas diferenças entre homens e mulheres:

- A menina não é um ser castrado e, assim, colocada em posição de inferioridade sexual. Mas é verdade que está em uma situação mais difícil do que a do menino. Ela não tem orgasmo visível e atual a mostrar na competição para obter o prestígio e o amor, nem a contemplar para verificar sua integridade corporal que, particularmente, a culpa masturbatória a faz sentir-se em pergio. Ela tem apenas órgãos internos e invisíveis (os que lhe irão permitir ter filhos) ou em expectativa (os seios, que 'crescerão'). A masturbação está longe de ser sempre clitoriana, desencadeando sensações não focalizadas, cuja natureza é mais difícil de reconhecer; a menina teme a destruição do interior de seu corpo pela masturbação e pela penetração (fantasística do grande pênis de seu pai).
- O clitóris é um órgão sexual feminino. A sensibilidade clitoriana faz parte da sensibilidade feminina.

- Freud enxergara o medo que o homem tem da mulher, mas não a importância da inveja que o homem tem da femeidade (os seios, a maternidade).
- A bissexualidade é muito mais fundamentalmente psíquica e identificatória do que anatomofisiológica. As civilizações e os indivíduos a ela reagem, seja exaltando-a (ideal hermafrodita, feridas simbólicas), seja tentando eliminá-la (excisão do clitóris[12]).
- Freud não teve êxito ao definir a feminilidade apenas do ponto de vista do homem. Para tornar-se uma mulher, seria preciso que o homem renunciasse a seu falo (castração), aceitasse sofrimento e submissão diante do homem (masoquismo dito 'feminino'). A sexualidade feminina tem apenas um conteúdo negativo. A mulher pode imaginar-se castrada porque não possui pênis. Mas a castração propriamente feminina é ser privada da possibilidade de realizar plenamente sua femeidade.
- Freud conservador quanto à mulher, foi revolucionário na concepção ampliada da sexualidade por ele inaugurada, reintegrando na sexualidade humana o que uma visão moralizadora e normativa excluíra: a sexualidade infantil, a sexualidade perversa. Ao mesmo tempo, tropeçava na possibilidade de definir a sexualidade (cf. 20ª Conferência da Introdução à psicanálise), pois não logrou êxito em se desembaraçar de uma referência à finalidade da procriação. (CHILAND, 1990, p. 245-247).

Na teoria freudiana a sexualidade humana é uma 'psicossexualidade', onde as fantasias são constantemente ativas. Mas, é importante observar que a sociedade atual não abriga mais tais conceitos, portanto, é preciso uma nova distribuição dos papéis masculino e feminino, paterno e materno não para anular, mas para melhor utilizar as diferenças entre os sexos.

De acordo com Chiland é preciso que haja uma distinção entre macho/fêmea e masculino/feminino; "as mulheres não são homens, mas seres humanos, fazem parte do

[12] Não se deve confundir o plano das identificações e o da biologia. Não se justifica mais apoiar-se na embriologia para estabelecer o primado da fêmea, dizendo ser, o embrião das seis primeiras semanas, 'fêmea' e não 'indiferenciado', a não ser para fazer do clitóris um pênis em miniatura. (CHILAND, 1990).

gênero humano, mesmo tendo sido possível contestar sua posse de alma. Portanto considerá-las sub-homens, de *Untermenschen*". (CHILAND, 2001, p. 80).

Chiland (1990) observa que não existe senão um número limitado de traços diferenciais manifestos que caracterizam o homem e a mulher, fêmea, mamífera, biológica e irredutivelmente, que opõem a 'femeidade' e a 'macheidade', o estado de fêmea e o estado de macho. Eles ocasionaram fantasias e formações defensivas nos dois sexos (inveja do pênis e inveja da femeidade, medo do pênis e medo da vagina, mitos e feridas simbólicas diversas, de excisão do clitóris à subincisão do pênis, etc.). Esses traços diferenciais são:

- O homem penetra a mulher, a vagina recebe o pênis;
- A mulher carrega os filhos;
- A mulher carrega mamas suscetíveis de dar leite;
- As etapas da vida sexual da mulher são marcadas por descontinuidades visíveis sem equivalente no macho humano e sobre as quais é preciso observar que, colocadas sob o signo do sangue, são: a primeira menstruação e o ritmo das menstruações, a defloração, as maternidades, a menopausa; e não é por acaso que as sociedades humanas pontuam com ritos mais marcados as etapas da vida dos machos. (CHILAND, 1990, p.64)

A necessidade de fazer a distinção entre macho/fêmea e a dimensão masculino/feminino está em parte relacionada à invenção do gênero.

> Tem-se o sexo macho ou fêmea – é o domínio biológico – e é-se do gênero masculino ou feminino – é o domínio do social e do psicológico, de um psicológico marcado essencialmente pelo social e que se esquece do biológico. As diferenças entre os machos humanos e as fêmeas humanas são universais: o mesmo não ocorre entre o masculino e feminino (CHILAND, 2001, p. 80).

A identidade sexual da criança (macho ou fêmea) é determinada com base na aparência dos órgãos genitais externos, e se declara que a criança é do sexo masculino ou feminino. Em seu livro Homo psicanalyticus, Chiland (1990, p 72) afirma que crianças com transtorno de identidade sexual interpretam as mensagens conscientes e inconscientes transmitidas por seus pais como não sendo amadas por serem quem são,

sobretudo em relação ao gênero ao qual pertencem, assim não podem amar a si próprias se não pertencerem ao sexo oposto.

Na teoria freudiana o pênis, sob o nome de falo, torna-se o símbolo da completude narcísica. Como se um ser humano só fosse inteiro se estivesse provido de pênis. É compreensível que o homem se orgulhe e dê valor a seu pênis, pois o homem pode manipulá-lo, brincar, se masturbar, ao passo que a menina não sabe o que se passa no interior do seu corpo. Contudo, o pênis não pode ser compreendido como um símbolo de completude para a mulher.

Segundo Chiland,

> Passado o período das deusas mães, por toda parte houve uma supervalorização do pênis em falo, supervalorização que acabamos pensando como uma reação de defesa do homem, que não é capaz de procriar, diante do formidável poder da mulher. Se formos atentos ao que dizem as crianças, os meninos pequenos, na idade de três ou quatro anos, choram ao descobrir que não poderão nunca trazer filhos no ventre, nem alimentar bebes com seus seios. Mas eles recalcam intensamente esse desejo de ser mulher e passam a desprezar e a denegrir as meninas. Para os dois sexos, a descoberta de um outro ser humano que é um humano como si mesmo e que, no entanto, é diferente em seu corpo é um traumatismo. E para suportar essa descoberta é preciso apoiar-se no grupo dos pares, confortar-se mutuamente ao denegrir o outro grupo. Senão, não se poderia compreender a segregação espontânea das crianças em grupos sexuados desde a escola maternal, embora até lhes seja proposta uma co-educação dos sexos. Além da diferença anatômica entre os sexos, há diferenças na expressão motora e verbal, no estilo de ação e de comunicação, e cada um desconcerta o outro. (CHILAND, 2005, p. 20).

Nesse sentido Chiland (2005, p. 20) questiona: “por que se quer fazer da mulher ‘um homem castrado’?”. Sua resposta é incisiva: “quando nos encontramos na presença de um homem que voluntariamente se fez castrar, como os transexuais machos, podemos medir a que ponto a mulher é outra coisa que não um homem castrado”. E, neste caso, existe uma castração propriamente feminina, a de não poder realizar as virtualidades de seu sexo: ser amado por um homem, ter filhos.

Em seu livro O sexo conduz o mundo, Chiland (2005) diz que, apesar da ‘valência diferencial dos sexos’ e de toda a desvalorização em relação à condição feminina, são mais numerosos os homens que pedem para serem transformados em mulheres do que as mulheres que pedem para serem transformadas em homens, com variações nas cifras relativas (*sex ratio*): em geral se trata de três homens para uma mulher.

Chiland (2005) observa, ainda, que quando uma menina inveja o menino, fala-se da inveja do pênis, contudo, na verdade ela possa mais invejar o estatuto que o pênis dá ao menino que o órgão anatômico propriamente dito; nos dois casos, a menina não cessa de querer continuar a ser ela mesma, ou seja, uma menina com todas as suas particularidades, mas ela gostaria de, além disso, ter o que tem o menino. Do mesmo modo, se um menino chora ao descobrir que não poderá carregar bebês na barriga, ele inveja sua mãe, mas não deseja tornar-se uma menina; ele gostaria de ser capaz de procriar e de amamentar continuando a ser ele mesmo, ou seja, um menino. O núcleo da identidade sexuada constituiu-se ao longo dos dois primeiros anos e não é recolocado em questão.

No que é expresso, o horror de pertencer a seu sexo próprio parece predominar sobre a atração de pertencer ao outro sexo. Os discursos que os transexuais mantêm sobre a masculinidade e a feminilidade é de uma notável pobreza o que demonstra uma reprodução dos estereótipos de gênero, segundo Chiland,

> O discurso dos transexuais interrogados sobre o que é a masculinidade ou a feminilidade é notavelmente pobre e conformista. O discurso típico de um transexual biologicamente homem é: 'me casaria, ficaria em casa, me ocuparia da cozinha, esperando que meu marido voltasse para casa, passearia com a criança (adotada) em um Landau'. Para não se encontrar reduzida a esta situação, as mulheres de nossa cultura lutaram durante décadas, inclusive séculos. (CHILAND, 1990, p. 31).

Em outra obra, afirma o essencial dos referidos discursos se reduz a:

> 'Sou um homem; ser um homem é ser o que eu sou', ou: 'Sou uma mulher; ser uma mulher é o que eu sou'. É quase impossível obter deles um discurso, uma descrição de características precisas e a expressão de uma opinião pessoal. Do papel social do homem e da mulher eles têm a imagem conforme aos estereótipos sociais; não é possível contestar os estereótipos sociais quando o objetivo é se aceitar (CHILAND, 2005, p 37).

O universo feminino é totalmente diferente do universo masculino, pois os estereótipos implicam em trocas diferentes entre machos e fêmeas. A persuasão pelo verbo caracteriza as meninas, a intimidação pela força caracteriza os meninos. Os meninos gostam de brigar, as meninas gostam de brincar de papai e mamãe. Os sexos se segregam espontaneamente em grupos diferentes de jogo desde a escola maternal

Neste contexto, a criança que recusa seu sexo quer brincar com as crianças do outro sexo, como uma das suas. Segundo Chiland (2005, p. 43), "a menina irá mais

tarde até falsificar a sua identidade para ser admitida num clube esportivo de meninos. O menino se isola e se deixa vitimizar e ser chamado de bicha". Em alguns casos, é só na puberdade que uma criança toma consciência de seu desejo transexual. Portanto, a puberdade assinala um caráter definitivo do pertencimento ao sexo de atribuição, e ela é intolerável.

Para Chiland, os determinantes biológicos que auxiliam na estruturação da feminilidade podem ser denominados de femeidade. Portanto, para ser considerada uma mulher, ou melhor, para tornar-se uma mulher, existem dois componentes indispensáveis: a femeidade e o sexo de designação dado pelos pais a nível inconsciente.

Birman (1996), em seu trajeto pela temática da feminilidade se apóia no texto Análise Terminável e Interminável (1937), para traçar uma relação de equivalência entre feminilidade e o repúdio da castração. Desta forma, a feminilidade não seria específica das mulheres, mas comum a homens e mulheres. Para ele, portanto, o conceito de feminilidade representa uma alternativa à concepção que trata a sexualidade feminina mediante o modelo universal da sexualidade masculina.

Birman (1999), em seu livro Cartografias do feminino, apresenta a leitura crítica do conceito de sexualidade. Ele alega que para percorrer o universo da feminilidade é preciso supor uma viagem pelo imprevisível e no limite do indizível. Isso porque o território da feminilidade corresponde a um registro psíquico que se opõe ao do falo na tradição psicanalítica, sendo o seu contraponto nos menores detalhes. "A feminilidade é o correlato de uma postura heterogênea que marca a diferença de um sujeito em relação a qualquer outro" (BIRMAN, 1999, p.10).

> Foi neste sentido específico que Freud nos disse que a feminilidade seria a fonte de uma experiência psíquica marcada pelo horror, justamente porque a sua emergência coloca em questão o autocentramento da subjetividade baseado no referencial fálico. Colocar, pois, o falo em estado de suspensão implicaria para a subjetividade uma experiência de perda de contornos e de certezas. Se o mundo se constitui para o eu, nas individualidades, pelo horizonte desenhado pelo falo e pelo narcisismo, a dissolução da ordem fálica coloca em questão as nossas crenças mais fundamentais. Por isso mesmo, afinal das contas, a feminilidade seria a fonte sempre recomeçada da experiência do horror. (BIRMAN, 1999, p.11).

De acordo com Birman (1999), contudo, é preciso evocar tal horror que atinge igualmente homens e mulheres.

> O que implica dizer que a feminilidade não é um registro psíquico e erógeno que remete imediatamente para o universo das mulheres, em oposição ao dos homens. Seria essa a outra novidade no uso da palavra sugerido ainda por Freud. Isso porque, para ele, a oposição entre o masculino e o feminino, entre os homens e as mulheres, seria constituída em torno da figura do falo. Ter ou não ter o falo e os seus atributos, seria essa a questão que dividiria o mundo dos sexos e dos gêneros. Ou, então, ser ou não ser o falo implicaria a dimensão narcísica originária de tal diferença sexual. (BIRMAN, 1999, p. 11).

Deste modo, a falta do pênis seria um horror. A compreensão da não existência do pênis implicaria a dimensão narcísica original da diferença sexual proposta por Freud. Acreditar-se portador de um poder superior por ter um pênis como atributo do falo seria a crença maior da arrogância masculina em relação às mulheres. Mas, por outro lado, não ter o pênis como atributo do falo seria o signo maior da inferioridade das mulheres e a fonte proverbial de sua inveja. Essas são as divagações propostas por Freud.

> Freud nos oferece uma complexa leitura das experiências psíquicas, masculina e feminina, centrada nessas oposições. Contudo, indicou-nos também como ambos os sexos se constroem pelo referencial fálico, revelando-se por esse viés tanto a miséria quanto o estreitamento da condição humana. (BIRMAN, 1999, p. 11)

Birman (1999, p.11) argumenta que pretende conferir em sua obra uma positividade à feminilidade, apesar das ambigüidades de Freud no que se refere a esse assunto, já que se referia à oposição visceral das subjetividades: "a feminilidade como uma espécie de limite biológico da condição humana, o rochedo da castração". É para remover tal negatividade em relação à feminilidade que Birman e diversos outros autores, como Chiland, Kehl, entre outros, argumentam sobre esse tema na experiência psicanalítica.

O autor diz que na obra freudiana a mulher é tratada de um modo dicotomizado: num primeiro momento o que é da ordem do feminino é positivado a partir da valorização do discurso das histéricas, já em um segundo momento, o feminino é negativizado a partir das restrições feitas à mulher.

> O discurso freudiano sobre o feminino é perpassado por múltiplas contradições e ambiguidades – é o mínimo que se pode dizer a seu propósito. Este é o grau zero do reconhecimento que se pode ter aqui, sobre a maneira pela qual a psicanálise forjou a leitura sobre a subjetividade da mulher e a da condição feminina. Reconhecimento fundamental este, que, diga-se de passagem, não apenas se pode ter, mas também se deve ter. A dimensão do imperativo é o ponto de

> partida desse desenvolvimento, que deve estar sempre presente para nós ao longo de todo o percurso. (BIRMAN, 2001, p. 17).

Entretanto, Birman (2001) também ressalta que Freud deixou transparecer outras possibilidades de tratamento para o feminino, pois, ao insistir em desvincular a histeria da degenerescência acabou destacando as qualidades intelectuais e morais das mulheres. As histéricas tratadas por Freud eram, em sua maioria, mulheres inteligentes e com grande capacidade de raciocínio - embotado apenas pelos limites que a educação e a sociedade lhes impunham. Além disso, tais mulheres também possuíam grandes virtudes éticas, pois suportavam "com grandeza as perturbações mentais que as afligiam". (BIRMAN, 2001, p. 164).

De acordo com Birman (2001) a obra freudiana comporta avanços e recuos no que diz respeito ao tratamento do feminino. Segundo o referido autor, quando Freud tenta desvincular a histeria da degenerescência, acaba muitas vezes por caminhar na contramão de suas próprias idéias, pois atribui um caráter negativo à mulher desvalorizando-a socialmente. Birman (2001) observa que em sua elaboração do complexo de Édipo, Freud toma a sexualidade masculina como padrão, e, portanto, enquanto ideal ao qual a sexualidade feminina tem que se adequar e diante do qual ela estará sempre em defasagem. Assim, para este autor a figura do masculino sempre pareceu a Freud mais evidente, menos obscura que a do feminino, que continuamente o colocava diante de um enigma. Por isso, era mais coerente, e mais conveniente, colocar a figura masculina como o padrão para a compreensão da sexualidade humana. Birman considera que essa posição freudiana é reveladora de uma manutenção da concepção antiga de que o homem seria a representação da perfeição e a mulher da imperfeição. Neste sentido, a obscuridade feminina só poderia ser compreendida a partir da transparência masculina.

> O discurso freudiano repetiu, portanto, num momento histórico posterior, o que o discurso anatômico realizou até o século XVII, isto é, estudou o psiquismo pelo paradigma masculino da perfeição, deduzindo daí o feminino (...). (BIRMAN, 2001, p. 184).

O pênis como elemento central para a vida sexual da mulher - que culmina no (desejo de) nascimento de um filho homem – e a posição masculina primária, tanto para homens quanto para mulheres, implica, segundo Birman, "no reconhecimento efetivo, pelo discurso freudiano do valor superior da figura do homem em relação à da mulher" (*Ibid.*, p. 198). Essa "superioridade ontológica" do masculino é decorrente do lugar primordial que o homem ocupa já que é o detentor do pênis (*Ibid.*, p. 214).

Todavia, Birman (2001, p 225) lembra que Freud vê a assunção da feminilidade como a substituição da excitabilidade do clitóris pela da vagina. Esta substituição se daria pela necessidade da menina de abandonar a sexualidade fálica, própria do clitóris, e investir na vagina. Já em seus últimos textos, a feminilidade aparece ligada à maternidade, que consiste em colocar o filho no lugar do pênis. O impasse surge a partir da confrontação entre o que é dito nestes dois momentos da elaboração freudiana, pois, se a posição feminina implica no abandono da excitabilidade fálica – clitoridiana -, como pode a maternidade ser a verdadeira feminilidade se o abandono do pênis não está em jogo aí, uma vez que o filho o substitui?

Contudo, segundo Birman (2001), esse não foi o único legado freudiano sobre a sexualidade feminina. Para o autor, o conceito de feminilidade, desenvolvido no final da obra de Freud (1937), aponta outra direção. O feminino[13] é compreendida como o que está na origem do psiquismo e tendo relação com o desamparo fundamental da condição humana. Ela é pensada como fazendo parte do psiquismo humano, estando, portanto, para além dos registros masculino e feminino, estes sim regidos pela lógica fálica.

Apesar de ter sido anunciada de forma negativa, uma vez que seria "a fronteira" do rochedo da castração, o feminino é tomado enquanto posição originária do ser humano e, portanto, anterior ao masculino. A partir daí, outra leitura do feminino se torna possível. Birman (2001, p.252), então, sugere que Freud, em 1937, propõe o feminino como à modalidade de ordenação sexual a partir da qual se organizam tanto a sexualidade feminina quanto a masculina. Trata-se, portanto, de uma mudança na formulação da organização sexual fundada no operador fálico. A prevalência do pênis, no entanto, não desapareceria, mas surgiria como uma reação contra a feminilidade, como recusa a esta.

Desde 1996, então, esse conceito vem sendo trabalhado por Birman assim como por outros autores como Neri (2002), Nunes (2000) e Arán (2001), que também procuraram pensar o feminino de uma forma que não esteja estritamente vinculada ao pênis. Neri (2002) vai começar seu texto intitulado O Encontro Entre a Psicanálise e o Feminino: Singularidade / Diferença com uma interrogação sobre a relação entre psicanálise e feminino. A autora ressalta que a psicanálise surge da escuta de uma verdade que subverte a racionalidade científica - o sintoma histérico - e se pergunta em

[13] Segundo o Prof. Ricardo L. L. Barrocas, alguns autores fazem uma distinção a este respeito. Por feminilidade, entendem o que concerne ao desejo de uma mulher; por feminino, aquilo a que Birman se refere.

que medida o discurso psicanalítico é tributário do discurso feminino, excluído durante séculos da história ocidental.

Neri acrescenta que o corpo histérico traz, com sua mobilidade pulsional, um para além da lógica fálica na medida em que rompe com dicotomias como corpo-espírito e ser-pensamento e introduz, com sua anatomia puramente pulsional, a questão da singularidade na modernidade, ou seja, justamente aquilo que o discurso científico pretendia deixar de fora. Ela considera que, a partir da modernidade, devido ao abalo sofrido na hegemonia dos ideais masculinos, já é possível falar de um processo de feminilização da cultura.

> Apesar de a legitimação do discurso das histéricas ter trazido o feminino para um campo onde, até então, ele era tradicionalmente excluído, não podemos nos esquecer de que o paradigma para a compreensão desse mesmo discurso não deixou de ser o masculino. A histérica é aquela que corre o risco de se tornar frígida por causa da inveja do pênis. Embora houvesse todo esse enaltecimento do feminino, o ideal de ciência e mesmo o ideal de liberdade na modernidade ainda excluíam o que não era da ordem do universal e do masculino. Neri nos lembra que mesmo os discursos sobre o feminino se tratavam de uma busca pela verdade universal e tinham o homem como sujeito e a mulher como objeto (*Ibid.*, p. 19).

A partir de Arán, Neri coloca como saída para as questões colocadas pela crítica à teoria fálica, "(...) a possibilidade de tecer novas diferenças" (Arán 2001, *apud.* Neri, 2002, p. 33), e em seguida se pergunta como pensar a diferença sexual a partir daí.

> Quais os possíveis destinos da diferença sexual no século XXI? Essa diferença teria necessariamente de permanecer atrelada à oposição dialética masculino/feminino? ... No momento em que o feminino desconstrói a lógica falocentrista, deixando ver um novo paradigma para pensar a diferença, ou seja, sinalizando a possibilidade de pensar uma diferença irredutível à lógica dual, querer apagar a diferença pode ser uma tentativa velada de reconstruir o universal (NERI, 2002, p. 33).

Pensando na mesma questão, Nunes (2000) assevera que é curioso perceber na obra freudiana o fato de que, mesmo reconhecendo em várias passagens que a cultura e a educação são fatores fundamentais para a constituição da subjetividade, em relação aos ideais de masculinidade e feminilidade, Freud não parece levar em consideração tais fatores. Isto seria, segundo a autora, indício do modo sintomático como Freud representa as mulheres, ou seja, a partir de uma perspectiva evolucionista da diferença sexual.

O lugar desvalorizado que a mulher ocupa devido ao fato de não possuir um pênis, não é visto como fruto de contingências sociais. Nunes (2000) chama ainda a atenção para um fato, também citado por Birman (2001), que é a oscilação da postura freudiana diante da sexualidade. Se por um lado não se questiona sobre a prevalência da masculinidade e o lugar desvalorizado que a mulher ocupa a partir daí, por outro lado, não é possível negar seus avanços em relação ao lugar conferido ao discurso das histéricas e à concepção da sexualidade humana - que foi retirada do registro natural e passada para o do psíquico. Só a partir daí, afirma Nunes, é possível a Freud se perguntar como uma criança se torna mulher a partir de sua disposição bissexual (Freud, 1976 [1932-1933], p. 144). Só assim é possível pensar num percurso em direção à feminilidade. Esse percurso, no entanto, foi deduzido, até certo momento da obra freudiana, do percurso masculino, pois era este que servia de modelo.

Nunes (2000), em seu artigo O Feminino e Seus Destinos: maternidade, enigma e feminilidade, afirma que, a partir de 1925, embora Freud tenha proposto uma nova teoria da sexualidade feminina com a elaboração da pré-história do Édipo feminino - não mais calcada em pé de igualdade com o modelo masculino, continuou reduzindo a sexualidade feminina a este modelo. O pênis como pólo ordenador da sexualidade feminina "(...) fez com que Freud ignorasse aspectos que ele próprio assinalara e que poderiam levá-lo a desenhar percursos para a sexualidade feminina (...)" (NUNES, 2000, p. 43). Tratar-se-ia de percursos que não levassem aos impasses da inveja do pênis. Esses aspectos segundo a autora seriam: uma potência do sexo feminino - que em vários momentos aparece como uma figura forte - e o privilégio de outros caracteres do corpo - que não fosse apenas o pênis - e que colaborassem para a construção psíquica da diferença sexual, como os seios e a percepção da gravidez (NUNES, 2000, p. 44).

A autora se pergunta por que o questionamento sobre a origem dos bebês, apresentado no texto freudiano (1908), como a primeira teoria sexual infantil, não foi valorizado, já que neste texto Freud afirma que as crianças não tomam a existência de dois sexos como ponto de partida de suas pesquisas sexuais. Por que a percepção do corpo feminino decorrente da maternidade, que positivaria a imagem da mulher, não foi levada em consideração?

> Se a descoberta da castração feminina está tão vinculada à percepção da ausência de pênis na irmãzinha, por que a gravidez da mãe não tem nenhum papel preponderante nesse processo? (...) É curioso como Freud, que em tantos momentos assinalara a importância, na vida psíquica infantil e masculina, dos fantasmas que atribuem à mãe uma

> grande potência, insistiu em não dar à gravidez um lugar nesse processo (NUNES, 2000, p. 45).

Ainda de acordo com Nunes (2000), o seio é outra característica do corpo feminino que é deixada completamente em silêncio. Tão importante na relação mãe/criança como objeto da satisfação primordial, a ponto de ser a matriz das experiências de prazer desta última, ele não é mencionado uma única vez, nem mesmo quando Freud trata da puberdade. Se, por um lado, as características do corpo feminino não são destacadas por Freud, por outro lado, em diversos textos ele mostra que a mulher assume um caráter estranho, associado à natureza e à morte e ao grande poder de dar e de tirar a vida. A mulher fica assim associada ao perigo. É nesses momentos, então, em que ela surge como figura poderosa, numa posição de plenitude, parece que é justamente aí que a mulher se torna um enigma. Isso seria uma maneira depreciativa de tratar o feminino.

A solução apresentada por Nunes (2000) para as questões encontradas na obra freudiana sobre o feminino será assim como os demais aqui mencionados, o conceito de feminilidade. De acordo com a autora, Freud vai, ao longo de suas elaborações, desarticulando o feminino da imagem da mulher. Ela expõe que a construção do conceito de feminilidade se inicia a partir do remanejamento de algumas teses sobre as pulsões, teses implicadas nas relações entre atividade/masculinidade e passividade/feminilidade. A idéia de uma desarticulação entre esses termos vai se dando gradativamente a partir de formulações como a da relação primordial da menina com a mãe e a do masoquismo originário. Mediante a primeira, Freud pôde perceber que os objetivos sexuais da menina em relação à mãe são tanto ativos quanto passivos, o que permite conceber que desde suas primeiras relações objetais a menina adota uma postura ativa. A segunda formulação permite atribuir uma passividade primordial para ambos os sexos devido à situação de desamparo em que o ser humano vem ao mundo. Freud diz que essa posição assumida pelo sujeito é feminina.

Para Nunes (2000), ao colocar a feminilidade como primordial, Freud vai chamar a atenção para o fato de que o que era até então descrito como tipicamente feminino é, na verdade, uma vicissitude da condição humana. Como conseqüência disso, passa a haver um reposicionamento em relação à maneira negativizada com que o feminino que foi tratado ao longo da obra de Freud. Um exemplo deste tratamento é a

afirmação de que o feminino se opõe à civilização, entre outros motivos, por ser avesso ao processo sublimatório – que é um dos principais sustentáculos da vida civilizada.

Contudo, Nunes (2000) acrescenta que em seu estudo sobre o narcisismo, Freud parece reconhecer a possibilidade de uma vivência positiva da menina em relação às transformações corporais que caracterizam a adolescência. Apesar de pretender nesse momento diferenciar as formas de amor de homens e mulheres, associando a maneira feminina de amar a uma experiência narcísica, à qual dá um caráter claramente depreciativo, Freud atribui à transformação pela qual passa o corpo feminino uma fonte de regozijo e um sentimento compensatório e de auto-suficiência. Trata-se de sentimento que supostamente, estaria na contramão de uma percepção do corpo como desvalorizado. Para Nunes (2000), nesse momento a mulher se encontraria numa posição de quem não precisa invejar nada, por sentir-se plena.

Segundo Nunes (2000), o que se pode depreender dessas observações de Freud é que as transformações da puberdade abririam para a mulher outra possibilidade de relação com o próprio corpo, algo bastante diferente do sentimento de menos valia em que Freud tanto insiste. Ao contrário, o que parece estar em jogo é uma experiência positiva onde as particularidades do corpo feminino mobilizariam não um sofrimento, mas uma satisfação narcísica que não necessariamente precisa ser entendida como problemática.

O conceito de deslocamento é apresentado por Kehl (1998), para referir-se às mudanças de consistência, que se processam no interior desses eixos de referências, das relações de gênero. A autora destaca que, "a feminilidade, tal como é construída, nem sempre é um molde perfeitamente ajustável às mulheres, não se viabiliza sem conflitos, e pode ser deslocada, em determinados momentos e em certas conjunturas". (KEHL, 1998, p. 45).

Arán (2001) trata da questão da diferença sexual em psicanálise, conceito fundamental que determina a noção de simbólico, trata-se de uma versão masculina da diferença. Conforme a autora não é preciso muitos argumentos para demonstrar como o desenvolvimento da idéia do complexo de Édipo-castração na obra freudiana apresentam uma versão do desejo masculino. Para Freud, "a única possibilidade de destino para a sexualidade feminina é a inveja do pênis, tendo na sua versão positiva a maternidade e na sua versão negativa a renúncia e a virilização". (ARÁN, 2001, p.83).

Mitchel (1979) apresentou estudos que facilitaram a apropriação feminista anglófona de Lacan em relação à subjetividade sexuada, relatando que existe um

percurso de tensão no encontro entre o feminismo e a psicanálise. A autora, além de refletir sobre o feminismo também traz reflexões sobre a psicanálise e o marxismo.

Em seu livro Psicanálise e feminismo, Mitchel (1979, p 42) apresenta reflexões baseadas na concepção do patriarcalismo. O foco é a rejeição da psicanálise pelas feministas, que vêem Freud e sua teoria como patriarcalista, defensor da sociedade de seu tempo. Porém, para a referida autora, as teóricas feministas ganhariam mais se utilizassem as contribuições apresentadas por Freud em vez de descartá-las. O objetivo do livro de Mitchel (1979, p. 50) é facilitar a compreensão da teoria freudiana, com ênfase no significado das concepções de inconsciente e sexualidade nas teorias feministas. A autora trata das questões relacionadas aos determinantes biológicos em Freud, abordando as teorias psicanalíticas da diferença sexual. Analisa aí a grande polêmica conceitual psicanalítica desenvolvida sobre o tema.

Butler (2003) apresenta em seu livro Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade, o conceito de gênero onde se baseia toda a teoria feminista. A autora discute a questão da mulher como sujeito do feminismo. Um dos pontos centrais da obra é o par sexo/gênero da política feminista. Em seu estudo, Butler (2003) desconstrói a dualidade entre sexo e gênero e faz uma crítica ao feminismo como categoria que somente poderia funcionar numa concepção humanista. A autora procura desvincular o feminismo do campo do humanismo, como prática política que pressupõe o sujeito como identidade fixa, desvincular para algo que deixe em aberto a questão da identidade, sem organizar a pluralidade, mantendo a vigilância permanente:

> A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada. Esse tipo de crítica põe em questão a estrutura fundante em que o feminismo, como política de identidade, vem-se articulando. O paradoxo interno desse fundacionismo é que ele presume, fixa e restringe os próprios sujeitos que espera representar e libertar. (BUTLER, 2003, p. 213).

Muribeca (2010) apresenta em seu estudo algumas reflexões sobre a construção da subjetividade feminina em psicanálise:

> A teoria psicanalítica foi, por assim dizer, edificada sobre a questão da diferença sexual, podendo a dicotomia entre razão e natureza manifestar-se na diferenciação que o pensamento freudiano estabeleceu entre homens e mulheres. O homem freudiano foi definido basicamente por suas funções na manutenção da ordem social e na construção da cultura, enquanto a mulher foi considerada, por excelência, como ser de natureza. A mulher foi definida a partir de seu

> corpo e de sua função procriadora como algo que lhe era ineludível. (MURIBECA, 2010, p. 101).

Segundo Muribeca (2010) ao longo da evolução histórica da humanidade, as noções de homem e mulher foram organizadas a partir de uma lógica binária, atribuindo ao sexo masculino as propriedades do humano. Do ponto de vista científico, formulava-se a existência de um único sexo, que poderia ser mais ou menos bem sucedido em sua evolução. Do ponto de vista da religião, a mulher, na versão de Gênesis, era um produto derivado do homem. Desse modo, o feminino passou a ser tratado como o negativo daquilo que é masculino.

Em relação à sexualidade, o órgão genital masculino e as representações associadas a ele passaram a ser o foco da sexualidade, enquanto o órgão genital feminino foi considerado algo enigmático e desconhecido, sem importância. Em seu estudo, Muribeca (2010) faz um breve traçado histórico da situação da mulher na sociedade, mostrando as fases em que a mulher era estigmatizada como uma representação do mal, citando a caça às bruxas como exemplos.

Nesse contexto histórico a partir de diversos tratamentos bizarros em relação à mulher, "o saber psiquiátrico seguia fazendo suas incursões exploratórias no corpo feminino, cobaia dos experimentos sádicos de homens que não as escutavam, mas as tocavam intrusivamente" (MURIBECA, 2010, p. 103). Foi nesse cenário que Freud apresentou sua teoria, com sua proposta de não mais tocá-las, senão de adentrar em seu universo psíquico para poder escutar suas penas. Por intermédio da compreensão dos afetos que a fala continha, Freud promoveu um tipo de decodificação dos sintomas histéricos, e inaugurou a nova via de leitura para esses fenômenos:

> Como componente dessa nova perspectiva, Freud (1896) postula uma origem traumática para a sexualidade, já na infância, a partir de experiências de sedução. Tais experiências explicariam a etiologia das enfermidades nervosas, em especial, das neuroses histéricas, revelando que a causa da histeria era sempre de natureza sexual. Pouco tempo depois, Freud (1950 [1892-99]), na famosa carta 69 a Fliess, de 21 de setembro de 1897, abrirá mão dessa teoria, renunciando ao conceito de trauma real e da cena de sedução e passando à concepção de uma sexualidade oriunda de um organismo corporal que se excita endogenamente. Dessa maneira, os processos psíquicos se iniciariam a partir do próprio sujeito, tendo uma origem claramente endógena, predeterminada, na qual o papel do outro adulto não ocupa um lugar primordial na fundação do inconsciente nem na constituição da sexualidade. (MURIBECA, 2010, p. 201).

Muribeca (2010) ressalta que ao longo da trajetória psicanalítica, tanto as variantes do modelo apresentado por Freud, como as interpretações ou leituras de seus textos se diversificaram e se multiplicaram. Para a autora, houve uma falha na interpretação da teoria apresentada por Freud, onde o feminino passou a promover contínuas aberturas no campo da teoria psicanalítica, constituindo um sintoma que durante todo o tempo insiste em fazer-se presente como algo que foi recalcado em suas origens e que com seu retorno nos convida a uma nova leitura.

IV. ANÁLISE DOS DADOS PESQUISADOS, CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Faz-se um resumo do que foi pesquisado para depois anunciar as conclusões e perspectivas de outros trabalhos. Buscamos identificar o modo com que Freud validou, isto é, legitimou epistemologicamente, os fatores filogenéticos de sua teoria da feminilidade. Considerando o que mencionamos com Kurt Lewin, perguntamo-nos sobre o que predominou no pensamento com que Freud operou nos dois períodos teóricos que distinguimos em nossa pesquisa. Repetimos: o primeiro vai dos textos de 1895 até aqueles de 1924; o segundo se dá entre 1925 e 1937. Indagamo-nos se foi mais relevante o modo de pensamento aristotélico ou o galiléico. Os fatores a que aludimos são os determinantes biológicos que admitimos com Chiland: a diferença sexual, a receptividade: o desejo de uma mulher na fantasia, o fato de as mulheres carregarem mamas, a maternidade, a menstruação e a menopausa. Tais fatores foram considerados mediante a "ordem de precedência" de que Freud falou (1905 [2006], p. 132): para ele o que é "constitucional" só viria à tona depois de manifestados os fatores acidentais, i.e., depois do que foi "despertado para a atividade pela experiência[14]". Não citaremos trechos de todos os textos indicados no item 4 da Primeira Parte deste trabalho. Salvo engano nosso, aparecerão aqui somente aqueles que consideramos ilustrar de forma mais direta o que pesquisamos.

IV. 1. A FASE TEÓRICA ENTRE 1895 ATÉ 1924.

No artigo A hereditariedade e a etiologia das neuroses (FREUD, 2006 [1896], p. 10), Freud falou sobre a importância de dois elementos na vida sexual: a atividade "como causa das obsessões e, da passividade sexual na patogênese das histerias". Tal parece "desvendar a razão íntima entre a histeria com o sexo feminino e a preferência dos homens pela neurose obsessiva".

Em O esclarecimento sexual das crianças (Carta aberta ao Dr. M. Fürst) de 1907, encontramos um trecho que merece ser transcrito.

> Na realidade, o recém-nascido já vem ao mundo com sua sexualidade, sendo seu desenvolvimento na lactância e na primeira infância acompanhado de sensações e atividades sexuais; só muito poucas crianças alcançam a puberdade sem ter tido sensações e atividades sexuais. Quem se interessar por um exame detalhado dessas asserções, poderá encontrá-lo em meus *Três ensaios sobre a*

[14] Agradecemos a nosso orientador Prof. Ricardo L. L. Barrocas que a este respeito, nos esclareceu sobre a perspectiva lewiniana a considerar, os critérios e as categorias da pesquisa propriamente dita e que também nos auxiliou cuidadosamente quanto à análise que empreendemos aqui. Precisamos deste apoio por sermos ainda iniciantes na pesquisa de ordem epistemológica.

> *teoria da sexualidade*, (...). Ali verá que os órgãos de reprodução propriamente ditos não são as únicas partes do corpo que geram sensações de prazer sexual, e que a natureza dispôs as coisas de tal forma que as estimulações reais dos genitais são inevitáveis na primeira infância. Esse período de vida, durante o qual (...) certa cota do que é sem dúvida prazer sexual é produzida pela excitação de várias partes da pele (zonas erógenas), pela atividade de certos instintos biológicos e pela excitação concomitante de muitos estados afetivos, é conhecido como o período de *auto-erotismo*, para usar um termo introduzido por Havelock Ellis [1898]. A puberdade apenas concede aos genitais a primazia entre todas as outras zonas e fontes produtoras de prazer, assim forçando o erotismo a colocar-se a serviço da função reprodutora. Naturalmente esse processo pode sofrer certas inibições, e em muitas pessoas (que tendem a se tornar mais tarde pervertidas ou neuróticas) não se completa senão imperfeitamente. Por outro lado, muito antes da puberdade a criança já é capaz da maior parte das manifestações psíquicas do amor – por exemplo, a ternura, a dedicação e o ciúme. Com frequência, uma irrupção desses estados mentais associa-se às sensações físicas de excitação sexual, de modo que a criança não pode ficar em dúvida quanto à conexão entre ambos. Em resumo, com exceção do seu poder de reprodução, muito antes da puberdade já está completamente desenvolvida na criança, a capacidade de amar; e pode-se afirmar que o clima do mistério apenas impede de apreender intelectualmente as atividades para as quais já está psiquicamente preparada e fisicamente apta. (FREUD, 1907, p. 3).

Mediante os dois trechos citados, não podemos dizer que o modo de pensamento de Freud foi baseado no critério da regularidade aristotélica, entendida como freqüência em que os fenômenos ocorrem. Embora parta da diferença entre os sexos cujo modelo é o da heterossexualidade, contudo, Freud não opõe esta distinção a nenhum outro fato[15]. Freud apenas fala do que reconhece enquanto constitucional, isto é, filogenético: (a) a atividade nos homens cuja incidência maior é de neurose obsessiva; (b) a passividade sexual nas mulheres em quem ocorrem com mais freqüência as histerias; (c) a sexualidade da criança, o prazer que acarreta e a estimulação dos órgãos genitais. Avançamos, no entanto, que como o modelo geral adotado é o da heterossexualidade, há uma possibilidade de aproximação com a confusão aristotélica entre classe e essência. Por quê? Se os dois conceitos estiverem conectados inevitavelmente, só se poderá considerar mulher aquela em quem o sexo biológico e a identidade de gênero

[15] Ele fez isso, mais tarde quando em *A psicogênese de um caso de homossexualismo na mulher* (1920) generalizou para todas as feministas, o que acontecera à jovem homossexual que tratara: "era uma feminista; achava injusto que as meninas não gozassem da mesma liberdade que os rapazes e rebelava-se contra a sorte das mulheres em geral. (FREUD, 1920, p. 16).

coincidam. De acordo com os trabalhos do Prof. Barrocas[16], esta não é a perspectiva que adotamos.

No artigo de 1908: Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade, Freud avança um dado importante sobre o que é inato:

> A natureza bissexual dos sintomas histéricos, que pode ser demonstrada em numerosos casos, constitui uma interessante confirmação da minha concepção de que, na análise dos psiconeuróticos, se evidencia de modo especialmente claro a pressuposta exigência de uma disposição bissexual inata do homem. Uma situação exatamente análoga ocorre no mesmo campo quando uma pessoa que se masturba, tenta em suas fantasias conscientes ter tanto os sentimentos do homem quanto os da mulher na situação por ela concebida. Encontraremos outros correlatos em certos ataques histéricos nos quais o paciente desempenha simultaneamente ambos os papéis na fantasia sexual subjacente. Em um caso que observei, por exemplo, a paciente pressionava o vestido contra o corpo com uma das mãos (como mulher), enquanto tentava arrancá-lo com a outra (como homem). Essa simultaneidade de atos contraditórios serve, em grande parte, para obscurecer a situação, que por outro lado é plasticamente retratada no ataque, estando assim em condições de ocultar a fantasia que está em ação. (FREUD, 1908 [2006], p. 5).

A bissexualidade é outro fato considerado filogenético por Freud. Ao atribuí-la a todos os seres humanos, como já mostrou Barrocas (2006, p. 199), Freud opera uma verdadeira "unificação dos campos" de fenômenos relativos ao inconsciente. Trata-se aí de uma característica do modo galiléico de pensamento. Barrocas (2007, p. 102), também assume podermos referir "os efeitos do recalque sobre a bissexualidade constitucional" àquilo que Giordano Bruno chamou de "relatividade do movimento", relatividade que não é menos uma das formas do pensamento galiléico.

No texto de 1908, Sobre as teorias sexuais infantis das crianças, Freud fala sobre as diferenças sexuais e uma característica infantil de "*atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis*[17]". Dá um exemplo disso:

> As palavras de um menino pequeno quando vê os genitais de sua irmãzinha demonstram que o seu preconceito já é suficientemente forte para falsear uma

[16] Os trabalhos são, repetimos: "A relação entre uma ordem das homossexualidades masculinas e a heterossexualidade atípica da histeria de angustia", (BARROCAS, 2006); "Investigação epistemológica das homossexualidades masculinas em Freud: uma perspectiva lewino-bruniana", (BARROCAS, 2007); e no prelo: "Investigação epistemológica da homossexualidade feminina na obra de Freud: uma perspectiva lewino-bruniana". No artigo que está no prelo: "Investigação epistemológica da homossexualidade feminina na obra de Freud: uma perspectiva lewino-bruniana", Barrocas (2011), assume que, por passarem todas pela femeidade, são consideradas mulheres não somente as heterossexuais, mas também a homossexuais.

[17] Itálicos do próprio Freud.

> percepção. Ele não se refere à ausência de pênis, mas comenta *invariavelmente*, com intenção consoladora: 'o dela é ainda muito pequeno, mas vai crescer'. (...) A anatomia reconheceu no clitóris situado no interior da vulva feminina um órgão homólogo ao pênis, e a fisiologia dos processos sexuais acrescenta que este pequeno pênis, que não aumenta de tamanho, comporta-se na realidade, durante a infância, como um pênis genuíno - torna-se a sede de excitações que fazem com que ele seja tocado, e a sua excitabilidade confere à atividade sexual da menina um caráter masculino, sendo necessária uma vaga de repressão nos anos da puberdade para que desapareça essa sexualidade masculina e surja a mulher. (FREUD, 1908 [2006], p. 5,6).

A considerar o que Colette Chiland mostrou sobre o pensamento de Freud a respeito das mulheres, o que ele diz seja sobre a homologia entre clitóris e pênis, seja sobre o caráter masculino da menina, faz parte do pensamento aristotélico. Salvo engano nosso, a ilusão do pequeno menino aludido quanto ao clitóris da irmãzinha, tanto quanto o que foi generalizado por Freud, ilustra o critério histórico-geográfico, ou seja, uma situação particular em que o conceito alude a classes abstratas, ao mesmo tempo em que negligencia a realidade total dos fenômenos.

No artigo Sobre o narcisismo, uma introdução, depois de dizer que tenta manter sua psicologia isenta de tudo que é biológico, Freud estabelece, no entanto, a hipótese "dos instintos do ego e instintos sexuais separados", hipótese que "extrai seu apoio na biologia". Como não admite que "outra ciência" possa apresentar algumas "conclusões finais, sobre a história dos instintos", Freud acha "muito mais objetivo tentar ver que luz pode ser lançada sobre esse problema básico da biologia por uma síntese de fenômenos psicológicos". (FREUD, 1914 [2006], p. 6). Mediante esta hipótese, Freud tenta mostrar uma espécie de interação entre os fatores filogenéticos e os ontogenéticos. Não identificamos nenhum traço particular aristotélico ou galiléico no que diz Freud. Ele apenas tenta fundamentar o que poderia legitimar sua teoria primeira teoria dos instintos ou pulsões.

Em O tabu da virgindade (1918), Freud disse:

> Há algum tempo tive a oportunidade de obter a compreensão (*insight*) através de um sonho de uma mulher recém-casada, em que era reconhecível a reação à perda da virgindade. Delatava, espontaneamente, o desejo da mulher de castrar seu jovem marido e guardar o pênis dele para ela. Evidentemente, também havia lugar para uma interpretação mais inocente de que o que ela desejava era o prolongamento e a repetição do ato, mas vários pormenores do sonho não se enquadravam nesse significado e, tanto o caráter como o comportamento subseqüente (desta) mulher evidenciaram em favor do aspecto mais grave. Por trás dessa inveja do pênis, manifesta-se a amarga hostilidade da mulher contra o homem, que nunca desaparece completamente nas relações entre os sexos e que está claramente indicada na lutas e na produção literária das mulheres 'emancipadas'. Em uma especulação paleobiológica, Ferenczi atribuiu a

> origem dessa hostilidade das mulheres – não sei se foi ele o primeiro a fazê-lo – à época em que os sexos se tornavam diferenciados. A princípio, em sua opinião, a cópula realizou-se entre dois indivíduos semelhantes, um dos quais, no entanto, transformou-se na mais forte e forçou o mais fraco a se submeter à união sexual. Os sentimentos de amargura decorrentes dessa sujeição ainda persistem na disposição das mulheres de hoje em dia. Não creio que haja qualquer inconveniente em utilizar essa especulação desde que não se empreste a elas demasiado valor (FREUD, 1918 [1917], [2006], p. 10).

A inveja do pênis aludida e as conseqüências citadas ilustram mais uma vez um critério histórico-geográfico particular, ou seja, aristotélico. A tentativa de especulação paleobiológica que Freud encontra em Ferenczi, está muito longe da realidade concreta a que pode recorrer a explicação psicanalítica.

Em Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919), Freud diz o seguinte:

> Teria sido impossível dar uma visão clara das fantasias infantis de espancamento, se não me houvesse limitado, exceto em uma ou duas relações, à situação feminina. Recapitulei rapidamente as minhas conclusões. A fantasia de espancamento da menina passa por três fases, das quais a primeira e a terceira são lembradas conscientemente, ao passo que a do meio permanece inconsciente. As duas fases conscientes parecem ser sádicas, enquanto a segunda, a inconsciente, é indubitavelmente de natureza masoquista; seu conteúdo consiste em ser a criança espancada pelo pai, e faz-se acompanhar de uma carga libidinal e de um sentimento de culpa. Na primeira, e na terceira fantasia, a criança em que estão batendo é sempre a própria criança; na terceira fase, são quase sempre meninos que estão sendo espancados. A pessoa que bate é, a partir da primeira, o pai, substituto depois por alguém escolhido na categoria paternal. A fantasia inconsciente da fase média tinha primariamente um significado genital e evoluiu, por meio de repressão e de regressão, de um desejo incestuoso de ser amada pelo pai. Outro fato, ainda que pareça não ter ligação mais estreita com o resto, é que entre a segunda e a terceira fase as meninas mudam de sexo, pois nas fantasias da última fase, transforma-se em meninos. (FREUD, 1919 [2006], p. 13, 16).

Não encontramos muito a dizer sobre o que Freud estabelece aí, senão que como alude a elementos sádicos e masoquistas na menina, ele raciocina galileicamente, ou seja, ele opera uma unificação dos campos. Sabemos todos mediante outros textos, mormente em Os instintos e suas vicissitudes (1915), que os elementos aludidos estão presentes em ambos os sexos.

Mais adiante, Freud fala sobre a teoria da bissexualidade constitucional, trazida por um colega com que Freud mantivera boas relações, na época:

> Baseia-se no fato da constituição bissexual dos seres humanos, e afirma que a força motivadora da repressão, em cada indivíduo, é uma luta entre os dois caracteres sexuais. O sexo dominante da pessoa, aquele que é mais intensamente desenvolvido, reprimiu no inconsciente a representação mental do sexo subordinado. Portanto, o núcleo do inconsciente (quer dizer, o reprimido) é, em cada ser humano, aquele lado dele que pertence ao sexo oposto. Uma teoria desta só pode ter um significado inteligível se presumirmos que o sexo de uma pessoa seria determinado pela formação dos genitais, pois, de outro modo, não haveria certeza de qual é o sexo mais forte da pessoa, e correríamos o risco de chegar, com os resultados da pesquisa ao próprio fato que tem que servir como ponto de partida. Para resumir a teoria: nos homens, o que é inconsciente e reprimido pode ser reduzido a impulsos instintuais femininos; o que ocorre, de forma inversa, nas mulheres. (FREUD, 1915 [2006], p. 13, 16).

Pelo que já dissemos acima sobre a teoria da bissexualidade constitucional, repetimos: há aí uma forma de pensar galiléica mediante a validade geral de uma lei psicológica, mas esta validade não é incondicional. Apesar de Freud ter operado uma verdadeira "unificação dos campos" de fenômenos relativos ao inconsciente, não obstante, ao adotar o modelo geral da heterossexualidade, há uma possibilidade de aproximação desta forma de pensamento com o aristotélico: a confusão entre classe e essência. Por quê? O sexo de uma pessoa, i.e., sua identidade de gênero não se determina somente pela formação dos genitais[18].

No texto A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher (1920), Freud elucida e retoma o tema do que é filogenético nos seres humanos: a bissexualidade de que já falara no artigo supracitado. Como comentamos anteriormente, trata-se do pensamento galiléico, na teoria da bissexualidade em Freud. Não obstante, a insistência de Freud, em 'efetuar uma modificação da 'inversão', ou seja, homossexualidade desconsidera o que ocorre na ontogênese, por ele admitida[19]. Ele incorre aí, mais uma vez na forma de pensar aristotélica, mediante conceitos histórico-geográficos.

> A psicanálise possui uma base comum com a biologia, ao pressupor uma bissexualidade original nos seres humanos (tal como nos animais). Mas a psicanálise não pode elucidar a natureza intrínseca daquilo que, na fraseologia convencional ou biológica, é denominado

[18] De acordo com os trabalhos do Prof. Barrocas, este modo de Freud não é aquele que adotamos. No artigo que está no prelo: "Investigação epistemológica da homossexualidade feminina na obra de Freud: uma perspectiva lewino-bruniana", Barrocas (2011), assume dois pontos importantes: (1) por passarem todas pela femeidade, são consideradas mulheres não somente as heterossexuais, mas também a homossexuais; (2) com Paiva (2006, p. 160) que adota o pensamento Foucauldiano (sic), Barrocas admite que a psicanálise "teria mais a ver com uma *estética da existência* (...) do que com uma *scientia sexualis* (implicando uma codificação jurídico-científico-moral dos atos e desejos)".

[19] Como se verá nos próximo parágrafo e nota 21, Freud hesita a este respeito.

> de 'masculino' e 'feminino': ela simplesmente toma os dois conceitos e faz deles a base de seu trabalho. Quando tentamos reduzi-los mais ainda, descobrimos a masculinidade desvanecendo-se em atividade e a feminilidade em passividade, e isso não nos diz o bastante. Já tentei [ver em [1] e seg.] explicar até onde podemos razoavelmente esperar, ou até onde a experiência já provou, que o trabalho de elucidação como parte da tarefa da análise nos forneça os meios de efetuar uma modificação da inversão (FREUD, 1920 [2006], p. 17).

IV. 2. A FASE TEÓRICA DE 1925 ATÉ 1937.

Em A dissolução do Complexo de Édipo, Freud (1924 [2006], p. 2) falou sobre este complexo como "determinado e estabelecido pela hereditariedade" e acrescentou:

> Há lugar para a visão ontogenética, lado a lado, com a filogenética, de conseqüências bem maiores. Também procede que, mesmo no nascimento, o indivíduo está inteiramente destinado a morrer, e talvez sua disposição orgânica já possa conter a indicação daquilo (de[20]) que deve morrer. Não obstante, continua a ser de interesse acompanhar como esse programa inato é executado e de que maneira nocividades acidentais exploram sua disposição[21]. (FREUD, 1924 [2006], p. 2)

Na mesma obra, Freud atribui à menina uma "intensidade comparativamente menor da contribuição sádica ao seu instinto sexual". Ele vincula esta idéia "ao crescimento retardado de seu pênis" que "torna mais fácil, (...) transformarem-se as tendências sexuais diretas em tendências inibidas quanto ao objetivo, de tipo afetuoso". (FREUD, 1924 [2006], p. 2). O que vale para Freud, nessa época, é sua segunda teoria pulsional cuja pulsão de morte, ao que parece, ocupa seu pensamento grandemente. Por querer fazer predominar este fator filogenético, ele inverte, então, a ordem de prioridade estabelecida em 1905, nos Três ensaios[22].

Em O problema econômico do masoquismo (1924), Freud estabelece uma hipótese: a existência de um "primeiro masoquismo, o erógeno – prazer no sofrimento"

[20] Acréscimo nosso.

[21] Talvez, o tema da pulsão de morte que passou a integrar o pensamento de Freud, fez com que ele modificasse as idéias que concebera em 1905, nos 'Três ensaios sobre a sexualidade'. Repetimos: no Prefácio à terceira edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, ao falar sobre os fatores filogenéticos e ontogenéticos de interesse para a psicanálise, Freud os dispôs em uma "ordem determinada de precedência". Tinham, então, "prioridade os fatores acidentais, enquanto os constitucionais (ficariam) para o segundo plano. Assim, ele dava mais importância à ontogênese do que à filogênese. O que seria constitucional só viria à tona depois de manifestados os fatores acidentais, "como algo despertado para a atividade pela experiência". Por quê? "A devida consideração dos mesmos levaria muito além da esfera da psicanálise". (FREUD, 1905 [2006], p. 132). Não aprofundamos este assunto aqui.

[22] Rever nota 21 acima.

-, cuja base devia "ser buscada ao longo de linhas biológicas e constitucionais". Todavia, ele acrescentou que tal permanecia "incompreensível" a menos que se decidisse "efetuar certas suposições sobre assuntos extremamente obscuros". Ele discorreu também sobre um "masoquismo feminino", fundado inteiramente naquele que é erógeno, mas os exemplos que deu disso foram os de homens masoquistas. Freud não expõe nenhum caso sobre mulheres masoquistas. (FREUD, 1924 [2006], p. 3).

Apesar de reconhecer suas suposições atinentes a um domínio 'extremamente obscuro' que excede, aliás, o que compete às, pesquisa e legitimação psicanalíticas, Freud não hesita em atribuir este masoquismo erógeno à biologia. Como ele não fala de nenhum caso disso nas mulheres, sua forma de pensar não é galiléica. Ele não passa da média para o caso puro, isto é, não considera nenhum caso excepcional em seu relato. Freud não opera aí tampouco uma unificação dos campos como fez em Os instintos e suas vicissitudes (1915). Repetimos, sabemos todos, mediante tal obra, que o sadismo tanto quanto o masoquismo estão presentes em ambos os sexos, apesar das diferenças sexuais das proporções com que ocorrem.

Em Introdução ao artigo Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos, texto de 1925, James Strachey afirma que desde a época da análise de Dora em 1900, contudo, "o interesse de Freud não se dirigira para a psicologia feminina. Demorou quinze anos para que publicasse qualquer importante material clínico que tratasse de uma mulher". Foi o caso de uma 'paranóia feminina' que ia de encontro à teoria psicanalítica (1915), cuja essência residia na relação da paciente com sua mãe". Como já se tem depois disso, mediante outro caso que chamou a atenção de Freud para a relação com a mãe, pode-se dizer que "já existem claras provas de insatisfação com a 'analogia exata' entre os dois sexos: a expectativa de existir um paralelo completo era equivocada". Segundo Strachey, embora haja muito pouco material sobre o assunto em o 'Ego e o id', "foram as teorias aí desenvolvidas concernentes ao final do Édipo, que ligadas a novas observações clínicas forneceram a chave para a nova tese. Apesar de Freud já sentir-se encaminhado para tal em 'A dissolução do Complexo de Édipo', foi todavia na obra de 1925 citada acima que Freud enunciou plenamente o assunto. Tal seria ainda ampliado nos trabalhos de 1931: Sexualidade feminina, em 1933, na Conferência XXXIII das Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e por fim, no Capítulo VII de Esboço de psicanálise. (STRACHEY, James in FREUD, 1925 (2006), p. 2).

A insatisfação a que alude Strachey, faz parte de uma busca de legitimação que ultrapasse o modo aristotélico de pensamento por dicotomias, dualidades sem conexão. Assim sendo, prevalece em Freud uma intenção galiléica de unificação dos campos dos fenômenos observados. Esta deveria corresponder a uma validade geral e incondicional das leis psicológicas atinentes à distinção entre o que concerne aos homens e o que é exclusivo da feminilidade.

Vejamos, no entanto, o que Freud diz em dois dos textos citados por Strachey acima. Em Sexualidade feminina (1931), Freud retorna ao tema da bissexualidade constitucional.

> Antes de tudo, não pode haver dúvida de que a bissexualidade, presente, conforme acreditamos, na disposição inata dos seres humanos, vem para o primeiro plano muito mais claramente nas mulheres do que nos homens. Um homem, afinal de contas, possui uma zona principal, um só órgão sexual, ao passo que a mulher tem duas: a vagina, ou seja, o órgão genital propriamente dito, e o clitóris, análogo ao órgão masculino. Acreditamos que estamos justificados em supor que, por muitos anos, a vagina é virtualmente inexistente e, possivelmente, não produz sensações até a puberdade. É verdade que recentemente um crescente número de observadores tem comunicado que os impulsos vaginais estão presentes mesmo nesses primeiros anos. Nas mulheres, portanto, as principais ocorrências genitais da infância devem ocorrer em relação ao clitóris. Sua vida sexual é regularmente dividida em duas fases, a primeira das quais possui um caráter masculino, ao passo que apenas a segunda é especificamente feminina. Assim, no desenvolvimento feminino, há um processo de transição de uma fase para a outra, do qual nada existe de análogo no homem. Outra complicação origina-se do fato de o clitóris, com seu caráter viril, continuar a funcionar na vida sexual feminina posterior, de maneira muito variável e que certamente ainda não é satisfatoriamente entendida. Não conhecemos, naturalmente, a base biológica dessas peculiaridades das mulheres e, menos ainda, podemos atribuir-lhes qualquer intuito teleológico. (FREUD, 1931 [2006], p. 5)

Mais adiante, ao falar sobre forças libidinais no desenvolvimento sexual feminino e masculino, Freud dirá:

> Essas forças seguem o mesmo curso e têm o mesmo desfecho em ambos (os sexos[23]). Subseqüentemente, fatores biológicos desviam essas forças libidinais [no caso da menina] de seus objetivos originais, inclusive conduzindo as tendências ativas e, em todo sentido, masculinas, para canais femininos. Visto não podermos afastar a noção de que a excitação sexual deriva do funcionamento de certas substâncias químicas, parece plausível, a princípio, esperar que a bioquímica um dia nos revele uma substância cuja presença produza uma excitação sexual masculina e outra que produza uma feminina. Mas essa esperança parece não menos ingênua do que aquela outra – hoje felizmente obsoleta -, a de ser possível, ao microscópio, isolar os diferentes

[23] Acréscimo nosso.

> fatores excitantes da histeria, da neurose obsessiva, da melancolia, e assim por diante. (FREUD, 1931 [2006], p. 12).

Quanto à bissexualidade constitucional, a primeira distinção a que Freud procede entre o homem que só tem uma 'zona principal, um só órgão' sexual, enquanto a mulher tem duas: a vagina e o clitóris poderia ter sido um bom começo para aprofundar sua insatisfação quanto à 'analogia exata entre os dois sexos'. Tal demonstra a intenção de um raciocínio galiléico, de validade geral e incondicional das leis psicológicas. Isso poderia aumentar o nível das exigências feitas à comprovação dos dados observados e caracterizaria o que podemos chamar, com Kurt Lewin, de ambições crescentes. Não obstante, Freud atribui aos dois sexos uma mesma fase de desenvolvimento que é masculina. É somente depois desta última que, para Freud, ocorre uma transformação para a feminilidade na menina, embora o clitóris conserve ainda seu caráter viril. Quer dizer, houve uma intenção galiléica em primeiro lugar, mas Freud não a levou adiante. Mantendo a analogia entre os sexos que, no entanto, não podemos chamar de exata, ele retorna a um modo de pensamento e de legitimação aristotélico, histórico-geográfico. Ele não mostra nenhum caso que infirme suas suposições teóricas. Sua tentativa de incursão/explicação valendo-se da biologia sobre tal está longe do que compete a uma validação pela psicanálise.

Freud (1931 [2006], p. 13) prossegue em sua exposição, fazendo um exame da literatura analítica de seu tempo. Alude a sete autores: Karl Abraham, Jeanne Lampl-de Groot, Hélène Deutsch, Otto Fenichel, Melanie Klein, Karen Horney e Ernest Jones.

> A "descrição feita por Abraham (1921) das manifestações do complexo de castração na mulher" que diz não ter sido ainda ultrapassada, todavia, acrescenta: "teria sido motivo de satisfação que ela tivesse incluído o fator da ligação original exclusiva da menina com a mãe". Freud concorda com "o artigo de Jeanne Lampl-de Groot (1927) que está conforme a tudo o que ele disse sobre o desenvolvimento sexual da menina - não repetiremos o assunto aqui -, contudo acha "inapropriada" a descrição da autora quanto ao "afastamento" da menina em relação à mãe. A autora fala "simplesmente de uma mudança de objeto", enquanto ele enfatiza "manifestações diretas de hostilidade". "A essa hostilidade justiça plena é feita no último artigo de Hélène Deutsch, sobre o masoquismo feminino e sua relação com a frigidez (1930), artigo em que ela reconhece a atividade fálica da menina e a intensidade de sua ligação com a mãe". (FREUD, 1931 [2006], p. 13).
>
> Fenichel (1930) corretamente dá ênfase à dificuldade de reconhecer, no material produzido na análise, quais as partes dele que representam o conteúdo não modificado da fase pré-edipiana e quais as partes que foram deformadas pela regressão (ou por outros modos). Não aceita a afirmativa de Jeanne Lampl-de Groot quanto à atitude ativa da menina

> na fase fálica. Rejeita também o 'deslocamento para trás' do complexo de Édipo, proposto por Melanie Klein (1928). (FREUD, 1931 [2006], p. 13).
>
> Essa aposição de *data*, que necessariamente acarretaria também uma modificação de nossa opinião sobre todo o restante do desenvolvimento, não corresponde, na realidade, ao que aprendemos nas análises de adultos, sendo especialmente incompatível com minhas descobertas quanto à longa duração da ligação pré-edipiana da menina com a mãe. (FREUD, 1931 [2006], p. 13-14).
>
> Karen Horney (1926) é de opinião que superestimamos grandemente a inveja do pênis primária da menina e que a intensidade da tendência masculina que mais tarde ela desenvolve deve ser atribuída a uma inveja do pênis *secundária*, utilizada para desviar seus impulsos femininos e, em particular, sua ligação feminina com o pai. Isso não concorda com minhas impressões. (Freud objeta também[24]) a opinião de Ernest Jones de que a fase fálica nas meninas constitui mais uma reação secundária, protetora, do que um estágio desenvolvimental genuíno. Isso não corresponde quer à posição dinâmica quer à posição cronológica das coisas. (FREUD, 1931 [2006], p. 14).

Na sessão XXXIII de suas Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1932), encontramos um trecho em Freud que poderia ter ilustrado uma verdadeira viragem[25] na sua teoria da sexualidade feminina. Repetimos o que ele disse aí: "a identificação de uma mulher com sua mãe permite-nos distinguir duas camadas: a pré-edipiana, sobre a qual se apóia a vinculação afetuosa com a mãe e esta é tomada como modelo, e a camada subseqüente, advinda do complexo de Édipo que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai". (FREUD, 2006, [1933 (1932)], p. 165).

Tal aspecto pode ser esclarecido em outros trechos da mesma obra.

> Para a menina (...) o seu primeiro objeto deve ser a mãe (e as figuras da babá e da nutriz, que nela se fundem). As primeiras catexias objetais ocorrem em conexão com a satisfação de necessidades vitais importantes e simples, e as circunstâncias relativas à criação dos filhos são as mesmas para ambos os sexos. Na situação edipiana, porém, a menina tem seu pai como objeto amoroso, e espera-se que no curso normal do desenvolvimento, ela haverá de passar desse objeto paterno para sua escolha objetal definitiva. Com o passar do tempo, portanto, uma menina tem de mudar de zona erógena e de objeto – e um menino mantém ambos. Surge então a questão de saber como isto ocorre: particularmente, como é que a menina passa da vinculação com sua mãe para a vinculação com seu pai? Ou em outros termos, como passa ela da fase masculina para a feminina, à qual biologicamente está destinada? (FREUD, 2006, [1933 (1932)], p. 5).
>
> Seria uma solução idealmente simples, se pudéssemos supor que, a partir de determinada idade em diante, a influência fundamental da

[24] Acréscimo nosso.
[25] Conceito de Husserl que utiliza o Prof. Barrocas para ilustrar as verdadeiras mudanças que ocorrem em uma teoria.

> castração recíproca dos sexos se faz sentir e impele a mulherzinha para o homem, enquanto a mesma lei permite ao menino continuar com sua mãe. Poderíamos supor, de resto, que nesse ponto os filhos estão seguindo a indicação que lhes foi dada pela preferência sexual de seus pais[26]. Não haveremos de encontrar as coisas tão fáceis assim, contudo. (...) Pois os senhores devem saber que é muito grande o número de mulheres que continuam, ainda em idade madura, dependentes de um objeto paterno, ou na verdade de seu pai real. A respeito dessas mulheres com uma intensa vinculação de longa duração para com o pai, temos constatado alguns fatos surpreendentes. Sabíamos naturalmente que houvera um estádio preliminar de vinculação com a mãe, mas não sabíamos que pudesse ser tão rico e tão duradouro, e pudesse deixar atrás de si tantas oportunidades para fixações e disposições. Durante esta fase, o pai da menina é apenas um rival incômodo; em alguns casos a vinculação à mãe perdura além do quarto ano de vida. Quase tudo o que posteriormente encontramos em sua relação com o pai, já estava presente em sua vinculação inicial e foi transferido subseqüentemente, para seu pai. Em suma, fica-nos a impressão de que não conseguimos entender as mulheres, a menos que valorizemos essa fase de sua vinculação pré-edipiana com a mãe. (FREUD, 2006, [1933 (1932)], p. 5-6).

> Será então de nosso agrado conhecermos a natureza das relações libidinais da menina para com sua mãe. A resposta é que tais relações se apresentam sob muitas formas diferentes. De vez que persistem através de todas as três fases da sexualidade infantil, também assumem as características das diversas fases e se expressam por desejos orais, sádico-anais e fálicos. Esses desejos representam impulsos ativos e também passivos, se o os relacionarmos à diferenciação dos sexos que vai surgir depois – embora devamos evitar fazê-lo até onde for possível -, podemos chamá-los de masculino e feminino. A par disto, são completamente ambivalentes, possuindo tanto uma natureza carinhosa, como hostil e agressiva. Esta última muitas vezes só vem à luz depois de haver-se transformado em idéias angustiantes. Nem sempre é fácil precisar uma formulação desses desejos iniciais; o que mais claramente se expressa é um desejo da menina, de ter da mãe um filho, e o desejo correspondente de ela mesma ter um filho – ambos desejos pertencentes ao período fálico e certamente surpreendentes, porém estabelecidos, acima de qualquer dúvida, pela observação analítica. O aspecto atraente dessas investigações está nas detalhadas e surpreendentes descobertas que nos trazem. (...) Os senhores haverão de recordar-se de um interessante episódio da história da pesquisa analítica, que me causou muitas horas de dissabor. No período em que o principal interesse voltava-se para a descoberta de traumas sexuais infantis, quase todas minhas pacientes contavam-me haverem sido seduzidas pelo pai. Fui forçado a reconhecer, por fim, que tais relatos eram inverídicos, e assim cheguei a compreender que os sintomas histéricos derivam de fantasias, e não de ocorrências reais. Apenas mais tarde pude reconhecer nessa fantasia de ser seduzida pelo pai a expressão do típico complexo de Édipo nas mulheres. E agora encontramos mais uma vez a fantasia de sedução na pré-história pré-edipiana das meninas; contudo, o sedutor é regularmente a mãe. Aqui, a fantasia toca o chão da realidade, pois foi realmente a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente estimulou e, talvez, até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da menina. (FREUD, 2006, [1933 (1932)], p. 6).

[26] Acreditamos que este é o aspecto mais importante a considerar. Trata-se daquilo que com Chiland podemos chamar ‘sexo de designação’.

A viragem de que falamos acima poderia implicar muito do que Freud atribuiu aos dois sexos. Expomos aqui, algumas idéias a título de perguntas ou especulação necessária[27]. Se for verdade que um crescente número de observadores mostrou que os impulsos vaginais estão presentes mesmo nesses primeiros anos de vida da menina, por que não conectá-los, ao mesmo tempo, às sensações do clitóris? Por que Freud, partindo da castração dos pais, não admite, no entanto, desde os primeiros anos de vida, a influência concomitante destes? Em seu desenvolvimento sexual, os filhos não estriam senão seguindo a indicação que lhes foi dada pela preferência sexual de seus pais. Há outra razão para a revolta da menina quanto à apassivação cultural que sofre. Em vez de atribuir a um caráter feminista, lembramos o que já expusemos. Conforme Mitchell (1988, p. 10), "Freud produziu uma interpretação biológica errônea" ao referir-se à "'inveja do pênis'". Seria preciso distinguir tal do que na realidade não constituiria senão uma 'inveja do poder fálico', isto é do poder que é atribuído culturalmente aos homens.

Consideramos de caráter galiléico uma série de itens que trazem as Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1932): (1) a intenção de Freud ao falar da fase pré-edipiana de identificação de uma mulher com sua mãe; (2) seu reconhecimento de que esta relação se apresenta sob muitas formas diferentes, que persistem através de todas as três fases da sexualidade infantil e se expressam por desejos orais, sádico-anais e fálicos; (3) o admitir que esses desejos representem impulsos ativos e também passivos, como em todo sexo; (4) a observação de que, em seu desenvolvimento, os filhos seguem a indicação que lhes foi dada pela preferência sexual de seus pais. Para Barrocas (2011[28]) "tal implica que toda identidade sexuada, gênero ou sexo de designação depende do que a mãe, desde os primeiros anos de vida da filha, neste caso, expressa simbolicamente como mulher. O que resulta na identificação da menina mediante o modelo sexual da mãe deve levar em conta a pré-história pré-edipiana". A legitimação daí decorrente atinaria para uma validade geral e incondicional das leis psicológicas patentemente observáveis. Todavia, Freud não foi adiante. Apesar de reconhecer os aspectos orais, sádico-anais e fálicos da sexualidade infantil, ele não os refere aos discursos das mães que atendeu. Estes expressariam inevitavelmente o que

[27] Trata-se aqui de uma série de perguntas que nos fez o Prof. Barrocas no dia 29 de abril de 2011, após a nossa Qualificação.
[28] Comentário feito na disciplina de Pesquisa em 2009.

chamamos de femeidade, com Chiland. Eis, portanto, como ele desfechou esta questão, em 1937.

O artigo Análise terminável e interminável (1937) ilustra o modelo mediante o qual Freud concluiu sobre a feminilidade, em comparação com o que ocorre nos homens. Ele (FREUD, 1937 [2006], p. 26) atribui à mulher, "a inveja do pênis – um esforço positivo por possuir um órgão genital masculino – e, no homem, a luta contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem (...) ou repúdio da feminilidade". Trata-se de atitude que concerne ao complexo de castração.

> (...) Nos homens o esforço por ser masculino é completamente egossintônico desde o início; a atitude passiva, de uma vez que pressupõe uma aceitação da castração, é energicamente reprimida e amiúde sua presença só é indicada por supercompensações excessivas. Nas mulheres também, o esforço por ser masculino é egossintônico em determinado período – a saber, na fase fálica, antes que o desenvolvimento para a feminilidade se tenha estabelecido. Depois, porém, ele sucumbe ao momentoso processo de repressão cujo desfecho, como tão freqüentemente foi demonstrado, determina a sorte da feminilidade de uma mulher. Muita coisa depende de que uma quantidade de seu complexo de masculinidade escape à repressão e exerça influência permanente em seu caráter. Normalmente, grandes partes do complexo se transformam e contribuem para a construção de sua feminilidade; o desejo apaziguado de um pênis destina-se a ser convertido no desejo de um bebê e de um marido, que possui pênis. É estranho, contudo, o quão amiúde descobrimos que o desejo de masculinidade foi retido no inconsciente e que, a partir desse estado de repressão, exerce uma influência perturbadora. (FREUD, 1937 [2006], p. 26).

IV. 3. O MODO DE PENSAMENTO COM QUE FREUD RECONHECEU OS FATORES FILOGENÉTICOS DA FEMINILIDADE.

Restringimo-nos aqui aos dados que consideramos. Entre 1895 e 1924, predominou em Freud o modo de pensamento aristotélico, embora traços daquele que é galiléico estivessem presentes. Mostramos cinco alusões àquele enquanto deste último só há três exemplos. Na fase teórica seguinte (entre 1925 e 1937) acontece o inverso, predomina o pensamento galiléico. Indicamos sete exemplos deste último enquanto do modo aristotélico só encontramos dois. Tal resultado está conforme o que mostrou Kurt Lewin. Repetimos:

> A doutrina de Freud – e foi esse um dos seus maiores serviços – contribuiu imenso para a abolição das fronteiras entre o normal e o patológico, o ordinário e o incomum, e promoveu ainda mais, por conseguinte, a homogeneização de todos os campos da psicologia. Esse processo ainda está, por certo, muito longe de completo, mas é inteiramente comparável ao que foi introduzido na física moderna e pelo qual os processos celestes e terrenos foram unidos (LEWIN, 1975, p. 32).

Quanto à feminilidade, consideramos que para estabelecer o modo de pensamento galiléico, ao invés de comparar a sexualidade feminina por homologia com a masculina, deveríamos privilegiar a escuta clínica de mães e filhas, atinando sempre para a femeidade. Tal se daria, também, ao modo com que Paiva (2006, p. 160) admite a psicanálise: algo que "teria mais a ver com uma *estética da existência* (...) do que com uma *scientia sexualis* (implicando uma codificação jurídico-científico-moral dos atos e desejos)".

IV. 4. PERSPECTIVAS DE OUTROS TRABALHOS.

O que expressamos no parágrafo acima constitui uma meta. Há ainda muito para ilustrar referente ao que expusemos nesta dissertação, em que não citamos exemplos de nossa prática clínica. Guardadas as medidas éticas, faremos tal no futuro. Enfocaremos principalmente seja o que aí encontramos e indica muito a compreender sobre a fase pré-edipiana, sobre a qual se apóia a vinculação afetuosa com a mãe e esta é tomada como modelo sexual ou não, seja aquilo que chamamos de perguntas ou especulação necessária[29] que nos fez o Prof. Barrocas no dia 29 de abril de 2011, após a nossa Qualificação.

[29] Conferir Nota 27.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÁN, M. **O avesso do feminino:** subjetividade e novas formas de subjetivação. São Paulo: Garamond, 2001.

BARROCAS, Ricardo L. L. **"A relação entre uma ordem das homossexualidades masculinas e a heterossexualidade atípica da histeria de angústia"**. In: VALE, Alexandre Fleming Câmara; PAIVA, Antônio Crístian Saraiva (Orgs.). *Estilísticas da sexualidade*. Fortaleza; Campinas: Pontes Editores, 2006, p. 183-201.

BARROCAS, Ricardo L. L. **"Investigação epistemológica das homossexualidades masculinas em Freud: uma perspectiva lewino-bruniana".** *Bagoas: revista de estudos gays*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, - V. 1, n. 1; jul./dez. 2007) – Natal: EDUFRN, 2007, p. 95-112.

BIRMAN, J. **Cartografias do feminino.** São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001.

BUTLER, J.P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CHILAND, C. **Homo psychanalyticus**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1990.

_____. **O sexo conduz o mundo.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

_____. **O transexualismo.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**, 1985. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **A etiologia da histeria**, 1986. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **A hereditariedade e a etiologia das neuroses**, 1986. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **Fragmento da análise de um caso de histeria**, 1905. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, 1905. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **O esclarecimento sexual das crianças,** 1907. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade**, 1908. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **Sobre as teorias sexuais das crianças**, 1908. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **Análise de uma fobia de um menino de cinco anos**, 1909. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **O tabu da virgindade: Contribuições para a psicologia do amor III,** 1918/[1917]. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **Totem e tabu**, 1913 [1912-13]. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **Sobre o narcisismo: uma introdução,** 1915. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **Os instintos e suas vicissitudes,** 1915. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença,** 1915. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____.**'Uma criança é espancada'. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais**, 1919. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher,** 1920. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **O ego e o id,** 1923. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade,** 1923. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **O problema econômico do masoquismo**, 1924. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **A dissolução do complexo de Édipo,** 1924. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos,** 1925. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **A questão da análise leiga,** 1926**.** Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **Fetichismo** 1927. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **Sexualidade feminina,** 1931. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **Feminilidade**, 1933 [1932]. Coleção obras completas de Freud, 2006.

_____. **Análise terminável e interminável**, 1937. Coleção obras completas de Freud, 2006.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.-B. *Vocabulaire de la psychanalyse*, Presses Universitaires de France, Paris: 1978.

MITCHELL, J. **Psicanálise da sexualidade feminina**. Rio de Janeiro: Campus, 1979/1988.

MURIBECA, M.M.M. Das origens da sexualidade feminina ao feminino nas origens da psicossexualidade humana. **Estudos de Psicanálise** – Aracaju – n. 33 – p.101-108 – Julho. 2010.

NERI, R. **A psicanálise e o feminino**: um horizonte da modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

NUNES, S. A. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira, 2000.

PAIVA, Antônio Crístian. "Cartografia psicanalítica da homossexualidade". In: VALE, Alexandre Fleming Câmara; PAIVA, Antônio Crístian Saraiva (Orgs.). *Estilísticas da sexualidade*. Fortaleza; Campinas: Pontes Editores, 2006, p. 155-179).

PORTAL DA SEXUALIDADE. **Freud e o feminino**. Disponível em <www.portaldasexualidade.com.br>, acesso em outubro, 2010.